

# Stadium

N.º 75 ★ 10 DE MAIO DE 1944

## NO BENFICA - BELENENSES

JULINHO, a grande figura do ataque benfiquense no jôgo de domingo, vai passar a bola por cima de Salvador e marcar mais um «goal». (Vêr a sequência da jogada na página central)



# O tenente Alberto Marques Pereira

Inspector de Gimnástica da «M. P.», fala-nos dos serviços que a organização está prestando ao País e sobre o problema nacional do ensino da educação física

«A Campanha Nacional de Educação Física, chamando a atenção do País para esse importante problema, visa indirectamente a criação do ambiente propício para uma acção do governo, no sentido de ser uniformizado o ensino da educação física e generalizada a obrigatoriedade da sua prática em todas as escolas!

Foi com estas palavras de definição sintética que o tenente Alberto Marques Pereira, professor distinto e naturalmente avalizado para falar sobre o assunto, na sua qualidade de Inspector de gimnástica na «Mocidade Portuguesa», iniciou as suas respostas ao inquérito formulado pela «Stadium».

Temos arquivado nesta série de depoimentos, alternadamente, os pareceres das individualidades mais autorizadas na Organização Nacional da «M. P.», que pelos seus serviços de educação física promoveu a Campanha, e de personalidades que lhe são estranhas mas possuem, pela sua experiência ou pelas funções que desempenham, o reconhecido direito de uma opinião interessante a emitir.

No quadro de nomes previamente esboçado, de forma a tocar todos os sectores de actividade da juventude ou todos os campos de acção educativa, seguiu-se agora o do professor tenente Alberto Marques Pereira, cujas afirmações desassombradas deixaremos prosseguir:

— Dentro do campo prático está a ser desenvolvida pelo País uma obra de intensa propaganda e de acção, de cujos meios lhe quero citar o exemplo mais frizante: a preparação das classes de gimnástica que, em representação das províncias, vêm a Lisboa, no fim do mês, disputar a Insignia Colectiva de Gimnástica. Por esta forma, a Campanha movimenta algumas centenas de filiados, mas muitas outras classes, arrastadas pelo interesse despertado naquelas, estão-se preparando para a conquista da mesma insignia, em provas que serão prestadas, perante júri competente, nos próprios locais onde funcionam. Assim sucedeu em Coimbra, onde quatro classes prestaram provas ante o director dos Serviços, que ali foi propositadamente em um dos dias da semana passada.

Uma curta pausa, fixando idéias, e a exposição continua:

— O público acredita mais facilmente no que vê, e por isso são indispensáveis estas manifestações, que exteriorizam o real contributo

da «Mocidade Portuguesa» para a causa nacional da educação física, que hoje, volvidos alguns anos, se traduz pela certeza da sua profícua orientação de toda a juventude. Considero hora feliz a da iniciativa da presente campanha, cujo período de euge se concentrará na segunda quinzena de Maio, com a realização dos campeonatos desportivos em Lisboa, Porto, Coimbra e Santarém, e de três grandes festivais de educação física, na Casa da Mocidade, na Sociedade de Geografia e no Coliseu dos Recreios, cuja organização me compete em parte. É de salientar ainda a parada de gimnástica que a «M. P.» vai apresentar no Estádio Nacional por ocasião da sua próxima inauguração oficial, e onde cinco mil filiados se exhibirão num esquema propositadamente elaborado pelo director dos Serviços de Educação Física e que começou já a ser preparado pelos professores dos vários Centros.

A conversa muda de sentíto. Encaminhamo-la para a generalidade e apresentamos o problema ao tenente Marques Pereira sob o aspecto nacional, mais além dos limites de influência da «Mocidade Portuguesa», em plano onde a sua expansão e solução a ninguém satisfazem.

— Reconheço a existência de um decréscimo aparente nas actividades de educação física no País, mas nenhuma responsabilidade pode atribuir-se à «M. P.». Poder-se-á afirmar, e mesmo assim só em limitados campos de acção, que o desenvolvimento da educação física, em um ou outro dos seus aspectos, estacionou. A razão desse facto é de ordem complexa, onde a situação da guerra actual — que em certos factores da vida portuguesa nos trina apáticos — a diminuição do número de instrutores, em virtude de haverem sido mobilizados bastantes para diferentes pontos do Império as dificuldades da vida, e as menores possibilidades de actuação por falta dos meios imprescindíveis, são outros tantos motivos a considerar. A campanha virá trazer a todos novo estímulo, dar aos valores técnicos ocasião para se salientarem, movimentando filiados e dirigentes, na preocupação única de expansão e desenvolvimento da educação física em Portugal como necessidade imperiosa nesta hora de incerteza e de dúvidas, na qual a preparação da juventude não pode nem deve ser descuidada.

Formulamos ainda uma última pergunta: Considera o problema da educação física portuguesa convenientemente pôsto em equação? Pôsto em equação de forma a assegurar a garantia solucionatória?

— O problema da educação física — diz-nos o professor Alberto Marques Pereira — não pode ser encarado isoladamente. A consideração desse problema em todo o seu pormenor traz um conjunto de outros problemas que intimamente se relacionam com ele e entre si, os quais é indispensável ter em conta para completa e racional resolução da questão. Mas, se a sua complexidade é manifesta, assuntosa há dentro do âmbito da educação física que logo à primeira vista ressaltam: assim, por exemplo, não se concebe que no País existam dois métodos diferentes de educação física, adoptados ambos nos estabelecimentos de ensino oficial. Não há que discutir, no momento presente, as vantagens ou os inconvenientes da adopção de um com exclusão do outro mas a necessidade de optar por um deles e, dentro da lógica, optar sem hesitações por aquêllo método consagrado há mais de um século nos países que enfileiram na vanguarda das nações civilizadas e que o governo, por intermédio do Instituto Nacional de Educação Física,

## TAÇA DE PORTUGAL...

NA «Taça», um team começa a ganhar ou a perder quando se efectua o sorteio, consoante faz o primeiro jogo em casa ou fora dela e, só depois no rectângulo...

Se a final agrupasse: Vitória de Setúbal-Vitória de Guimarães — teríamos dois vitorios... mas um só triunfo...

Vitória de Guimarães-Benfica — minhotos contra uma aguiá...

Belenenses-Estóril — os homens das duas praias... Porto-Belenenses — luta entre azuis e brancos...

Benfica-Académica — reprise de uma final...

Académica-União — capítulo notável de uma eterna luta...

Vitória de Guimarães-Académica — o team do Brioso contra a equipa da Briosa... Etc., etc., etc...

Aviso aos gulosos: há muitos pastéis em Belém...

Paradoxo: procurar meter na linha certos jogadores — tirando-os exactamente da linha...

O Benfica já aprendeu a jogar na relva. Resta saber se o Belenenses «desaprendeu» de jogar em terrenos pelados...

O fraco vence o forte. Não quero aludir ao último livro de Armando Gonçalves sobre jiu-jitsu. Referimo-nos apenas aos jogos União-Olhansense...

A linha e o futebol: Vinte e dois jogadores para as duas linhas, dois juizes de linha e um árbitro... com linha!

Córes e factos das equipas: Estóril Praia — azul e... oiro!

É erro supor que só um Atlético saia da competição até agora. Outros atléticos morderam já o pó... dos campos: Sporting, Olhansense, Be...

As outras letras desta palavra acrescentá-las-ão os teitores...

Corre que a Associação Académica, reconhecendo que, afinal, jogando na capital da Beira Alta está em sua casa — vai passar a denominar-se Associação Académica de Coimbra e Vizeu...

O locutor da E. N., ao dar por findo o relato da segunda parte do Belenenses-Benfica, desejou muito boa noite a todos.

Regista-se a intenção — mas é lícito perguntar que boa poderiam ter certas almas... belenenses!

Trajectória: Houve os «deões» dos Restauradores; vimos os «leões» restaurados; temos os «deões»... para restaurar!...

Conta-se que um espírito, ao ver entrar no estádio do Lima os jogadores Petrák, Nunes, Pereira e Valongo — exclamou: «Afinal isto é o Porto doutros tempos, desfilado, contra o Porto de agora reforçado com Guilher e Pinga...»

Taça de Portugal? Para os vencedores — sim. Para os outros — cálice de... amargura...

JOÃO SARABANDO

manda ensinar, numa fórmula de adaptação conveniente ao nosso meio, aos seus futuros professores. Não pode haver discordâncias mas a sujeição completa daqueles que, muito embora idóneos, vêem parcialmente um problema que o País não pode assim aceitar nem considerar!

E a concluir: «Breve, o congresso da União Nacional, em uma das suas sub-seções, tratará da grande causa com relêvo. Vão tomar parte na polémica nomes que simbolizam dedicação, valores consagrados há muitos anos á pedagogia da educação física — e tenho a certeza que, da sua interferência, resultará a prova da absoluta necessidade de pôr quanto antes no seu devido pé certas questões de importância fundamental, que não podem de ora àvante ser relegadas para plano secundário. Tal é o caso da obrigatoriedade do ensino da educação física nas escolas primárias, secundárias e superiores; a diferenciação da escola de preparação dos professores e instrutores destinados ao mais civil e militar, etc.

Pois bem: que valor não terá, para o estudo e conclusão destas e de tantas outras teses, a campanha lançada pela «Mocidade Portuguesa», que tornará patentes aos olhos de todos os portugueses os resultados obtidos em mais de sete anos de experiência, auxiliada pelo esforço de milhares de dedicações — e que o País recolherá maiores e mais eficazes se à Organização da «M. P.» forem concedidos os meios de que absolutamente necessita para desenvolver a sua acção!

SALAZAR CARREIRA



No ginásio da Escola do Exército onde é professor, o tenente Alberto Marques Pereira não hesita em mostrar, com a trave a 2 metros, a posição correcta de um equilíbrio difícil

## O Unidos e o Sporting

irão representar Lisboa no campeonato nacional

A prova regional de handball, cujo termo está fixado para domingo próximo, ficou praticamente decidida quanto à ordem de classificação dos grupos concorrentes, a qual não poderá deixar de ser, independentemente dos resultados dos quatro jogos a disputar: Unidos, Sporting, Belenenses, Estoril, Benfica, «Os Treze», Marvilense e Internacional.

Para esta decisão permatura contribuíram as soluções um tanto inesperadas das partidas da jornada pré-terrá, à cerca da qual se pode dizer que nenhuma das marcas finais correspondeu ao que era legítimo presumir.

A vitória do Unidos, por exemplo, não oferecia dúvidas a ninguém, mas o que certamente ninguém previa foi a síncope do Internacional, que, ao cabo da competição em que provou ânimo indefectível e espírito desportivo do melhor, não pôde comparecer em campo, porque refreiu, apenas, sete jogadores dentro do prazo legal de espera.

O empate nas partidas de «handball», não é resultado frequente; pois, no domingo passado, dois dos quatro encontros terminaram em igualdade, a duas bolas.

O encontro Benfica-«Os Treze» foi prejudicado pela acção deficiente das duas linhas avançadas, confusas a jogar dentro da área onde mais necessárias são a rapidez e a decisão, desastrosas no remate que, em grande maioria de vezes, passava a bola por cima da trave. Os «trezistas», aos quais mais se podem assacar estes erros, deixaram fugir assim a possibilidade de uma vitória que se aceitaria, como lógica consequência da sua maior permanência nas imediações da baliza adversária; todos os seus avançados prenderam demasiado a bola e sistematicamente fugiam à entrada da defesa contrária, descendo com o jogo para a esquerda, o que lhes impedia toda a viabilidade de lance às redes.

Os outros dois grupos que não conseguiram vencer foram Belenenses e Sporting, cuja luta decorreu animadíssima, atraente e emotiva. Mais uma excelente exibição de «handball», a juntar às que têm ilustrado este famigerado campeonato.

Os «azuis» começaram em grande estilo e chegaram ao 2-0, mas os «leões» nunca esmoreceram e recuperaram o atraso, perdendo no último minuto uma grande penalidade decisiva.

Num jogo de características de ataque, como este, em que ambos os grupos procuravam cubiosamente vencer marcando (isto é ganhar) em vez de impedir que o adversário marcasse (o que significaria não perder), embora pareça o mesmo, é bem diferente, os blocos defensivos são sempre postos à prova e o seu merecimento fica assinalado pelo reduzido número de pontos conseguidos. Tanto vale dizer que, nas Salésias, guarda-redes e defesas estiveram em evidência.

A maior surpresa da jornada foi, porém, a nítida derrota do Estoril Praia, em Marvila, de onde saiu com 6-3 desfavoráveis, que eram 6-1 a dois minutos do fim. Este êxito da simpática equipa marvilense, que tanto tem progredido com o seu núcleo de novos jogadores de formação local, veio dar inteira confirmação aos nossos últimos comentários, pois desta vez todos jogaram, de princípio a fim, com o pensamento na bola e tiraram por isso muito melhor rendimento dos seus esforços.

O Estoril, cuja segunda volta do campeonato tem sido desastrosa, rendeu mais uma vez pela defesa, tanto e tão prontamente que a confiança e empenho do seu forte quinteto atacante quebraram pelo reconhecimento da própria impossibilidade de recuperação.

ESSECÊ

### Atletismo no Sporting

A preparação dos atletas sportinguistas continua a merecer dos dirigentes da colectividade o maior interesse. Presentemente, os treinos efectuam-se às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 18 horas, no Estádio do Lumiar.

# No Campeonato Nacional

A vitória do Unidos sobre o Conimbricense colocou o Carnide em primeiro lugar — No Pôrto, o Vasco da Gama obteve a primeira vitória

ANTES de encetarmos os habituais comentários à jornada do «nacional» ultimamente disputada, queremos sublinhar alguns factos observados no encontro de quinta-feira, no campo da Boa Vista.

É o «basket» um desporto que coloca os espectadores, pela exiguidade das dimensões do terreno, em contacto quasi directo com os jogadores. O que se passa dentro do campo reflete-se imediatamente fora dele; os jogadores acusam os efeitos de incitamentos exagerados, que os levam instintivamente a praticar determinados actos qualificados como anti-desportivos. Por outro lado, é o árbitro a única entidade que tem autoridade para julgar as faltas cometidas. Para quê, pois, a intervenção do público? Para quê os protestos, que só prejudicam a marcha dos encontros?

Os factos registados quando da carga de Esteves a Camilo, e que originaram a intervenção da autoridade, devem ser banidos por completo dos nossos campos. Além de desprestigiar o desporto, causam um mal estar que pode ser insanável.

O resultado destas cenas é a improficuidade que resulta das substituições. Os jog dores, entram no terreno acusando ao máximo o nervosismo em que o encontro se disputa e dão rendimento inferior, com o consequente atandamento da equipa.

Com 3 jogos, em Lisboa, Porto e Coimbra, disputou-se a 3.ª jornada do campeonato nacional. Carnide, Unidos e Vasco da Gama venceram Belenenses, Conimbricense e F. C. Porto.

Os grupos ficaram assim classificados: Carnide: 6 pontos; Conimbricense e Unidos: 4; Belenenses e Vasco da Gama: 2; F. C. do Porto: 0.

Apesar do «score» verificado em Coimbra, foi fraca esta jornada em pontos marcados: 211. Médias: por jogo, 70; por grupo, 35.

O Unidos jogou pela primeira vez fora da capital, mas fez-o em boa hora. A vitória alcançada sobre o Conimbricense dar-lhe-á alento para prosseguir na competição com a mesma boa vontade.

A pontuação, a mais volumosa da jornada, 51-44, é indício suficiente do trabalho desenvolvido pelas linhas atacantes.

Poderá parecer, à primeira vista, pelo desfecho do encontro Carnide-Belenenses (46-14), que a partida teria sido fácil aos campeões de Lisboa. Uma diferença de 32 pontos é «score» confortável, dos que não devem deixar dúvidas, com a agravante de que, dos 14 marcados pelos «azuis», 4 foram obtidos em lances livres.

Os que pensarem assim estão enganados. O Belenenses nunca foi «team» que se tivesse deixado bater. Pelo contrário, a sua combatividade levou-o sempre a procurar a luta de maneira ardorosa, rasando quasi pela violência.

O encontro entre estes dois grupos, de características tão diferentes, foi interessante de seguir; as escolas em que os dois conjuntos assentam foram, mais uma vez, postas em acção. A do Belenenses, vivendo quasi exclusivamente do imprevisito, nada pôde perante a melhor técnica dos carnidenses, que no primeiro tempo atingiu a perfeição. Tal como contra o Unidos, foi a defesa um dos principais artifices da vitória, marcando rigorosamente a linha atacante «azul»; este sector do Carnide soube perfeitamente adaptar-se à toada dos marcadores belenenses, os quais,

lançando exclusivamente de longe, lhe facilitaram a tarefa, devido às obstruções feitas, na devida altura, por Souto e Mendes.

O período culminante do domínio carnidense fixa-se no primeiro tempo, em que Amaral e Cruz foram as grandes figuras em campo. O resultado (26-7) satisfaz e foi certamente esse o motivo do retraimento verificado por este grupo no resto da partida.

Pena foi que o entusiasmo posto na luta pelos «azuis», no segundo tempo, tivesse ido um pouco além do que as normas desportivas mandam; a ânsia de diminuir uma derrota que se ia avolumando, causou constantes cargas à margem da lei, ofuscando o brilho que a partida havia tido até então. — J. A.

Técnicamente, pouco valeu o jogo Vasco-Porto, para o campeonato nacional. Fez-se «basketball» do mais rudimentar, à mistura com jogadas de certo modo violentas, que não foram reprimidas e que prejudicaram a boa compostura do ambiente.

Venceu o Vasco pela escassa diferença de dois cêstos — mas se o triunfo tivesse pertencido ao adversário, não haveria motivos para reparos.

A equipa do F. C. do Pôrto esteve infeliz a lançar e com costumada deficiência na marcação das faltas.

O Vasco actuou com grande energia — por vezes energia demasiada, que sempre foi permitida — e teve pelo seu lado fel cidade espanhada a lançar. Parece-nos que a equipa trocou o seu habitual sistema, de passes bem medidos e de desmarcações fulgurantes, pelo jogo aos repêlões, com cargas pouco claras, em que se procura progredir no terreno de qualquer forma. Deve residir neste pormenor o motivo porque os vascaínos têm dado má conta de si nestes últimos tempos.

Contra uma equipa como a que o F. C. do Pôrto apresentou, o Vasco da Gama tinha obrigação de jogar mais e patentear superioridade técnica, o que não aconteceu.

Deve dizer-se, para que não haja ilusões e as derrotas não causem tanto espanto, que o Vasco da Gama está a viver, presentemente, do trabalho individual de dois jogadores, na verdade famosos: Pina e Bacano. Mas isto é muito pouco para uma equipa que defende um título e o prestígio de uma região...

Foi de lamentar que ao F. C. do Pôrto faltasse o concurso de Rodrigues, pois com o seu «cinco» completo o jogo teria decorrido de maneira diferente. A equipa está a acusar uma «quebra», mais moral do que técnica, mas no momento deve ser a que melhor nos pode representar — desde que alinhhe completa.

Ao contrário do Vasco, os «azuis-brancos» valem mais pelo conjunto do que pelo trabalho individual deste ou daquele elemento — e isto é fundamental num jogo como o de «basketball».

Pires, sem o concurso do seu colega Rodrigues, foi um «gigante» e confirmou as boas exibições que tem feito, tanto no Pôrto como em Lisboa. Os restantes nivelaram-se.

Em síntese: jogo enérgico, por vezes com demasia, arbitragem pouco segura, em prejuizo dos vencidos, e um resultado que se ficou devendo ao factor «sorte» — que nestas coisas do desporto tem muita força... — E. S.

Duas rectificações necessárias aos comentários publicados no nosso último número: onde se lê Sporting, entenda-se por Sport; onde saiu «A moral foi mais uma vez o fulcro», etc. devia ter sido composto que «Amaral foi mais uma vez», etc.

Gratias impertinentes, que os leitores desculparão...

VIMA VIDA - E UMA HISTORIA...

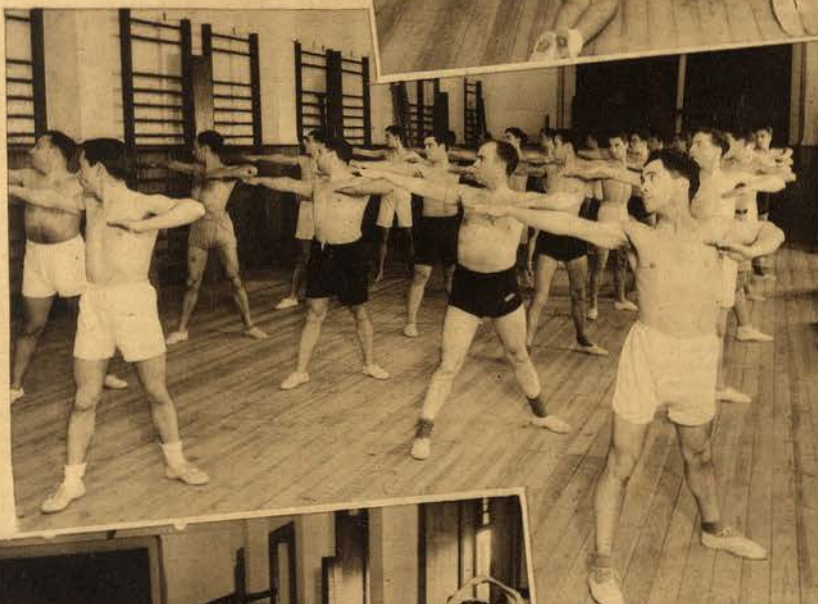
# Mestre ERMELINDO SANTOS

VIM 'CONDENADO À MORTE'... QUE SE FEZ  
ATELETA E PROFESSOR DOS MAIS DISTINTOS.

**É** uma figura bem conhecida nos meios gímnicos e desportivos. Tem ensinado milhares de rapazes e raparigas — podem contar-se duas gerações! — o mestre Ermelindo Santos sempre a leccionar, exercendo um sacerdócio que não quebra, não cansa, não amorcece...

Falámos há dias demoradamente, em conversa amigável, na qual se recordaram episódios curiosos, de um passado — que é afinal de ontem...

Ermelindo Santos quasi nos contou a sua vida desportiva, sem ênfase, naturalmente, como se vários lustros de labor contínuo fossem a coisa mais simples e banal deste mundo. Já depois de nos separarmos nasceu no nosso espírito a idéia de uma entrevista. O que o mestre nos dissera encheria resmas... Hesitámos... Mas era pena, na realidade, deixar de aproveitar tantos pormenores, que os mais novos ignoram e que são, afinal, subsídios para uma possível e futura história da educação física em Portugal. Obtidas umas fotografias das suas classes actuais e condensados os seus pensamentos e opiniões — estava tudo feito e restava apenas aguardar que houvesse espaço para que a reportagem fosse apresentada aos leitores.



Reportagem em redor do homem e da sua obra — a primeira que no género se lhe dedica! O facto regosija o jornalista, que o admira sinceramente. Se nestes trabalhos pudesse saber uma dedicatória, dir-lhe-íamos, reconhecidos: «ao Mestre amigo, a quem devemos quasi tudo o que fisicamente somos»...

Ermelindo Santos esteve quasi... «condenado à morte!» Aos 11 anos, os drs. Joaquim Evaristo de Almeida e Custódio Cabeça, dois facultativos célebres, afirmavam que o pequeno Ermelindo não resistiria até aos 15 anos, tal era o seu estado de debilidade e raquitismo... Por conselho do primeiro daquêles médicos, pedagogo ilustre e director, ao tempo, do Colégio Nacional, Ermelindo Santos inscreveu-se no Ginásio Clube Português, onde pontificava o saudoso mestre Luiz da Costa Monteiro e o famoso Walter

Awata. Dêste, foi aluno oito anos — e cinco consecutivos seu ajudante nas classes de ginástica sueca e aplicada.

No conjunto desses treze anos de convívio diário, Ermelindo Santos cre não ter dado 26 faltas sequer! O fraco, o débil, o «condenado à morte», transformou-se num homem forte, espadaudo, bem musculado — num homem rijo, são!

Depois de tão aturada preparação física, mestre Ermelindo quis ir mais longe. Passou a ser discípulo do glorioso Mestre António Martins e, mais tarde, do grande «sabre» Horácio de Moraes Ferreira. A esgrima tentava-o e havia razão para isso, pois Ermelindo Santos tinha decidida vocação para o desporto das armas. O seu nome figurou inúmeras vezes nos primeiros postos dos campeonatos de sabre e em torneios civis-militares. Ainda hoje, sempre que a ocasião se lhe depara, sôbe à prancha com segurança.

A actividade desportiva do conceituado professor de educação física não fica por aqui. No decorrer da conversa pudemos reter mais pormenores...

O atletismo também lhe foi familiar e deu-lhe primeiros prémios. Nadador exímio ainda, feito na escola de Walter Awata, ganhou depois paixão pelo remo. Foi componente da tripulação do Clube Naval Infante D. Afonso e do Naval de Lisboa, concorrendo para a conquista de algumas preciosas vitórias.

Fez hípiamo e em festas de beneficência apresentou cavalos em saltos e alta escola. Foi seu professor João Gagliardi.

O jogo do pau, tão caracteristicamente português, também encontrou em Ermelindo Santos excelso cultor. Durante 25 anos jogou o e ensinou-o a centenas de discípulos. Teve encontros com os jogadores de mais fama, como o célebre Salreu, e o grande — para não dizer o maior de todos — Mestre Hopffer!

Certo dia anunciou-se que ia aparecer em Portugal um novo desporto: o «hand-ball». E' natural que os leitores não se recordem... Aproveitou-se um desafio

(Continua na pág. 15)

# A vitória do Estoril Praia

e a proeza do S. C. Vila Real



O grupo de honra do Estoril Praia

COM a conquista do seu segundo título de campeão da II Divisão, o Estoril Praia valorizou extraordinariamente a sua "época triunfal", durante a qual já ganhara o campeonato lisboeta que disputou e a ascensão — enfim! — na próxima temporada à primeira divisão regional, — porta aberta para as mais amplas e possíveis ambições, como seja, inclusivamente, a disputa do título máximo do futebol português.

A acção dos dirigentes e o mérito dos jogadores estorilenses estão, pois, colhendo os seus frutos.



Arrojada defesa de «keeper» transmontano



Esta fase de futebol não será — não é, mesmo — muito académica... Vê-se até que nela houve qualquer coisa de contundente, embora rapidíssimo. Um décimo de segundo mais tarde tudo passou, da falta que se reproduz. Mas três deduções se tiram: a elasticidade (?) de Alberto, do Estoril Praia; o estoicismo de Jaime, do Vila-Real; e a felicidade do fotógrafo.

A energia com que a bola foi disputada por vezes, junto das redes estorilenses

prova incontestável do valor que se afirma e que merece ser posto em relevo com satisfação, pelo que pode contribuir para a animação das competições, o estímulo dos antagonistas e, conseqüentemente, o progresso do futebol regional e nacional.

Este triunfo, normalíssimo, nem por ter sido previsto de longe deve deixar de ser saúdo como merece, pelo muito apuro e superioridade desportiva com que foi obtido.

Nas mesmas saudações, porém, devem ser envolvidos os competidores vencidos, directa ou indirectamente, pois todos os concorrentes contribuíram, com o seu valor relativo, para realçar o mais animado e empolgante campeonato nacional da II Divisão disputado até agora.

De todos os clubes da provincia saliente-se, no entanto, o brioso campeão da longínqua provincia de

(Continua na página 10)



# Benfica, grande «team», em plena luz

## Considerações sobre o desafio do Campo Grande. Notas de conjunto a considerar

por TAVARES DA SILVA

NÃO ficou inteiramente decidido o problema dos *Quartos de Final* em virtude de não se conhecer ainda o nome de um dos quatro meios-finalistas. No entanto, a bruma desfez-se, e no horizonte surge a estrela benfiquense como que a indicar o caminho do triunfador, quasi já em apoteose.

Estas eliminatórias a duas mãos, tão do agrado da gente que dirige, pela ilusão do dinheiro da bilheteira, vêm mais uma vez pôr em relêvo a vantagem dos *teams* jogarem em sua casa: o factor ambiente. Melhor, é com os resultados conseguidos na casa do adversário que se conquista a chamada *Taça de Portugal*. Se a sorte favorece, com o desafio em casa, um clube, este não tem mais nada a fazer do que carregar a fundo no acelerador, ganhando vantagem que o ponha a coberto do ímpeto futuro do adversário. Por outro lado, o clube que fez a visita deve concentrar todas as energias no sentido de defesa para, mais tarde, oito dias depois, com os trunfos da sua banda, cair por sua vez a fundo.

Os resultados indicam, claramente, o valor do futebol no campo do adversário. O Benfica, coberto com o triunfo das Salésias, jogou plenamente em vencedor.

O Estoril Praia, trazendo do Lima um *goal* de vantagem, defendeu a sua *chance* magnificamente. O Vitória de Guimarães, com um empate na Arregaça, jogou em socôgo, como quem realiza um desafio pró-forma. O próprio Vitória de Setúbal não se intimidou absolutamente nada com a diferença de duas bolas estabelecida no Fontelo, em Viseu. Estava consciente de, no campo que os pés dos seus jogadores tão bem conhecem, a desvantagem de dois *goals* poder ser anulada e até ultrapassada. Afinal, a diferença foi só anulada, e os dois pratos da balança, Vitória de Setúbal e Académica de Coimbra, conservam-se, ao fim das duas mãos, à mesma altura, sendo preciso um terceiro desafio para saber qual o braço da balança que desce, vitoriosamente, e qual o que sobe, vencido. E aqui está uma ocasião em que ninguém desejará subir...

Do que não há dúvida, é de que semelhante torneio a eliminar, mesmo com os defeitos novamente introduzidos pela Federação (tanto ano a batalhar em fórmulas para, num repente, tudo se submergir) trás ao primeiro plano do futebol português os *teams* da Província, numa afirmação de valor e vitalidade que cumpre às esferas dirigentes auxiliar. Estão, na liça das meias-finais, dois grupos de Lisboa e dois da Província. A estrela do Benfica brilha com um fulgor singular. Mas até ao fim haverá luta. É o último apito do árbitro, no jogo-final, que matará todas as ilusões. Até lá, quem não virá de ilusões?

No Campo Grande andava no espaço o triunfo benfiquense. Dir-se-ia que o ar que se respirava cheirava a Benfica. Quando o grupo entrou em campo, confiado, milhares de pessoas deram-lhe imediatamente o seu entusiasmo, como que a significarem que o resultado só poderia ser um — o domínio da Água.

O estado de espirito colectivo do Benfica (e a designação não é aqui empregada como sinónimo de *team* mas num sentido mais amplo, o de colectividade desportiva popular resumindo o anseio de milhares de pessoas) era de tão puro quilate que nenhuma força conseguiram dominá-lo. Se isso fôsse possível, o Belenenses teria ganho. Não nos digam que o clube de Belém não insistiu, não lutou, não sofreu, não foi grande. Pelo contrário. A verdade é que o Belenenses se apresentou em campo com extraordinário animo e decidido a tudo, menos a perder. Simplesmente, a vontade do grupo encontra pela sua frente uma vontade mais forte, e viu-se obrigado a succumbir. Não vale a pena buscar razões de ordem técnica ou psicológica, e al-

gumas haveria para pôr em evidência, em explicação do que se passou em campo. As coisas são claras — quando não as complicamos.

O Belenenses entrou no terreno mais decidido a atacar do que a defender. Para tanto, um dos seus defesas colocou-se muito adiantado, obrigando os médios a tomarem uma posição igualmente adiantada, e talvez forçada, no terreno, em tática clara de quem se resolve a at car, único processo de não ser eliminado, perdendo. Foi a fase critica do jogo, para o Benfica. Se este não conserva inalterável a sua moral, vontade, técnica e organização, respondendo com admirável sangue frio e no à-vontade próprio de quem é superior, à forte investida belenense, o resultado poderia ser bem diferente. Mas assim não aconteceu. O Benfica respondeu ao ataque com ataques, e, mesmo nos períodos de dominio belenense, não perdeu nem a calma nem a consciência do que estava a realizar. Pelo contrário, à medida que o tempo



ia decorrendo, o Benfica organizava-se melhor, buscando o momento de cair a fundo.

E nada perturbou este *team* de futebol do Benfica, que é o caso desportivo mais interessante que existe em Portugal. Nasceu de experiências e juventudes, de intuições e vulgaridades, num conjunto em que, ainda que pareça paradoxal, tudo está certo. Porque os defeitos dos jogadores se transformam em qualidades, e o homem vulgar sobe ao mundo desconhecido dos eleitos do jogo. Nem a preocupação da dureza de alguns dos adversários conseguiu desviar os benfiquenses, que responderam, no entanto, com a sua reconhecida *ironia*, ao cumprimento do seu dever.

Terminada a primeira parte, 1 a 1, o Benfica insistiu logo, nos primeiros instantes do segundo tempo. Quando Salvador sofreu o segundo *goal*, ele, que passara a vida numa sofreguidão da bola, desejando mais, pelo menos, aparentemente, fazer mal ao adversário, do que de-

fender as suas balisas, morreram as esperanças belenenses. Os do Benfica não se turbavam. Compreendendo, perfeitamente, que era o momento psicológico de agir em profundidade, vencendo e convencendo, ganhando em beleza, deitaram por terra, com incrível facilidade, o castelo das melhores ilusões de Belém.

Esse período foi trágico para o Belenenses. O Benfica impôs-se de tal modo, sendo tão grandioso, tão belo e tão pujante de vida futebolística, que todos os elementos de Belém se afundaram, vindo ao de cima somente a parte má dos seus componentes. Em contraste, o Benfica desenvolveu movimentos de melhor recorte, traçados com mão firme, numa inspiração só natural em fantasia ardente. Nem se poderão contar todos os golpes, desde o pequeno pormenor de acrobata e de estratégia da bola à passagem de efeito, a meia altura, para o homem na melhor posição, que aquela linha atacante produziu, tendo a animá-la o talento de um avançado-centro, irradiante de agilidade, propósito e visão da jogada.

Guardamos esses momentos nos olhos. Certo é que, nessa altura, a desorientação e a desmoralização belenense constituiram um quadro confrangedor. Vasco de Oliveira, acossado por todos os lados, dentro e fora do campo, e acusado pelo mal e até pelo bem que fazia, passando para defesa, em troca de Varela Marques não melhorou o quadro, aumentando o desentendimento. Sendo isso verdade, não é favor, no entanto, referir o brilho e o nível atingido pelo ataque do Benfica, pelos seus lances palpantes, mexidos, capazes de desorientar a melhor defesa que imaginar se possa, quanto mais uma defesa desorientada.

Não devemos citar nomes dum lado e doutro, mas apenas salientar que o bloco defensivo do Benfica aperta as suas malhas neste findar de época com uma nota excelente devido, principalmente, à boa forma e à audácia de Cesar Ferreira. Que um dos aspectos, qual deles o mais interessante, ainda comportou o excitante desafio do Campo Grande, que não podemos, mau grado nosso, pôr em relêvo.

A eliminação do Futebol Club do Pôrto constitui a grande nota dos *quartos de final*. O campeão do norte desceu ao Estoril resolvido a, forçando a marcha do jogo, recuperar o *goal* de desvantagem, produzindo na 2.ª mão uma exibição em que a sua classe técnica ficou sobejante demonstrada. Os seus avanços, fugindo ao vento, realizaram-se mercê dum boa coordenação de esforços e do que propriamente se pode chamar domínio da bola. Perdeu apenas por uma razão. Falta de iniciativa de remate em frente das redes: avançado-centro, que nunca se meteu na confusão, preferindo a fórmula de jogo que não deixa mossas no corpo.

A exibição do Pôrto, no Estoril, é tanto mais notável quanto é certo ter o grupo perdido, logo no começo, o médio-centro Maia. Compreende-se facilmente o que isto representa. Ao que obriga. A linha dianteira ficou sem Sousa (Pinga), e o sistema, quer de ataque quer de defesa, sofreu as necessárias transformações. Do direito para o avesso.

O Estoril também jogou durante vinte e cinco minutos sem o conhecido Petrak, mas tratava-se dum *logar* cuja falta não obrigou a profunda transformação. De resto, o Pôrto ao escolher o ventro contra, na primeira parte, ditou a sua sentença. Porque no segundo tempo bastava uma tarefa destruidora por parte do Estoril para ganhar a questão. Ora, se algumas unidades mereceram destaque foram, precisamente, as que constituíram o bloco defensivo do Estoril Praia, grupo que passou às meias-finais.

Tal como o Vitória de Guimarães, que não teve dificuldades na eliminação do seu adversário, o União de Coimbra, foi dominado desde o primeiro momento da partida...

A luta mais renhida da 1.ª mão disputou-se no campo dos Arcos, entre o Vitória de Setúbal e a Académica. O desafio tornou patente todos os predicados das grandes lutas: entusiasmo, fogaosidade dureza e nervosismo. No primeiro tempo, o Vitória deu à partida uma velocidade fantástica, mas depois, como era natural, abandonou. Em qualquer desses períodos, a equipa da Académica correspondeu brilhantemente, estando a pontos de se classificar. Assim, a decisão ficou adiada para hoje.

## O Atlético vai ganhar o campeonato de Lisboa

FALTAM ainda quatro jogos para a conclusão deste tardio campeonato de «rugby», que quasi entra pelo verão dentro; para os despachar, são necessários dois domingos mas, a quinze dias de vista, distingue-se já claramente a vitória final do Atlético, cujos quatro pontos de avanço são tranquilizadores.

Falta-lhe jogar contra o Estoril, último da classificação, e contra o Belenenses, adversário perigoso e que nos parece de momento o mais afinado e completo dos grupos competidores; mas, ainda que a luta final se decida a favor dos «azuis» — hipótese tão provável como a inversa — a pontuação existente garante o título aos «atléticos», que aliás o merecem sem reservas.

Os dois encontros de domingo passado foram muito diferentes: Atlético-Sporting, renhido e lealmente disputado, agradou, dentro das reduzidas possibilidades actuais do «rugby» lisboeta: Belenenses — Benfica, catorze homens contra doze, foi assinalado por incidentes repreensíveis, que motivaram a expulsão de quatro jogadores e estragaram por completo o espectáculo da partida.

Exigiria a disciplina severas punições, exemplares punições que no «rugby» — modalidade que, pelas suas características, só pode ser jogada sem perigo por pessoas de severa educação desportiva e inteiro domínio de reflexas — são factor imprescindível de regularidade e progresso. Infelizmente, existe na A. R. L. um regulamento antiquado e impróprio, ao qual os dirigentes timidamente circunscrevem as suas decisões e cuja tabela de castigos é demasiado benevolente, quasi familiar, tão simples que pouco ultrapassa a impunidade.

Trata-se de uma deficiência, incompreensível, que urge remediar, modificando o texto do regulamento de provas logo que termine o actual campeonato.

A luta entre o Atlético e o Sporting, única digna de apreciação, foi muito equilibrada e os dois ensaios que oficialmente cifram a vitória do primeiro são diferença excessiva para a realidade da luta; e, por assim dizer, a primeira parte do encontro e, por isso, não podemos comprovar a alegação de haver sido precedido de falta (saída do portador da bola além da linha lateral) o segundo ensaio dos alcantarenenses; mas, o árbitro, impediu na primeira parte, a pretensão de deslocação, um ensaio legítimo dos «leões», por intermédio de Trigo de Mira, que fizera, em corrida para a bola, uma intercepção de passe.

Afora de todas as contingências, é inegável a vitória da melhor equipa; daquela que melhor maneja a bola e cujos três quartos possuem melhor sentido de ataque. Os sportingistas contam com sólido conjunto de avançados, mas a sua «cavalaria ligeira» é praticamente nula e só por acaso conseguirá atingir a área adversária. Em testemunho, invocamos a escassíssima marcação da equipa no decurso do campeonato. Os atacantes «leões» correm devagar, colocam-se mal no terreno, prendem demasiado a bola e não placam com segurança, coisas que requerem sério esforço de preparação individual e estudo tático.

As formações continuam a ser uma lástima; os talonadores ficam freqüentemente em pé no meio dos companheiros, o que significa que a segunda linha começa a empurrar precipitadamente e às cegas; as linhas não se equilibram no impulso e, volta que não volta, todo o bloco se desloca para uma banda, obrigando a recomenciar a jogada, com acréscimo inútil de faticante esforço; os pilares adiantam o pé e impedem a passagem da bola (caso para pontapé livre), os médios, metem a bola com efeitos (idém, idém) e vão buscá-la com as mãos ao meio dos pés dos avançados (re-idém, re-idém).

Todas estas faltas, e muitas outras que poderíamos ainda enumerar, demonstram a insuficiência de treino de pormenor das nossas equipas e o hábito de vícios que a tolerância dos árbitros consentiu — mas que o rigor actual deve em breve exterminar.

SALAZAR CARREIRA

## Baptista Alves, do Sporting e Serafim Walgood, do Vilanovense

### são campeões de Portugal de amadores, seniores e juniores

SE o título de campeão nacional de fundo fosse atribuído, como o são certos prémios destinados a distinguir trabalhos literários ou obras de arte, que tem de possuir mérito próprio, este ano, certamente, não seria adjudicado o título na categoria de amadores seniores, porque nenhum dos concorrentes — e foram nada menos de 9 — esteve à altura de merecer semelhante honra.

Poucas vezes temos visto prova de campeonato disputada com tanta falta de brio, tão pouca combatividade e com tamanho desinteresse.

Os corredores de bicicleta, entre nós, de tempos a tempos, deixam-se dominar pela ideia de que, para ganhar, têm de se defender uns dos outros e não podem nem devem utilizar a tática de ataque, a-fim-de chegarem o menos fatigados possível aos últimos quilómetros que antecedem as metas. É um princípio errado, o qual, em vez de tirarem proveitos, lhes causa normalmente contrariedades, a principal das quais é serem batidos homens de recursos apreciáveis por atletas de menor categoria.

Embora o ciclismo seja, como temos acentuado, a modalidade desportiva em que os concorrentes mais se inferiorizam quando atacam, isto em relação aos homens que se defendem, porque o dispêndio de energias naqueles é superior, em média, cerca de 20 por cento, o certo é que há circunstâncias em que um plano de ataque, bem delineado, torna-se por vezes mais eficaz que uma persistente e irritante defesa.

Pois, no domingo, na prova organizada pela Federação Portuguesa de Ciclismo, que teve o percurso traçado Lisboa-Bombarral-Lisboa, a ânsia de ganhar o título foi tal e a ideia de que só em Carriche podia ser tentado o ataque decisivo asseberou de tal maneira os concorrentes, que estes esqueceram-se de que estavam a disputar uma corrida...

Chegámos mesmo a convencer-nos de que, à excepção dos dois homens do Porto — António Carlos e Joaquim Mendes — e de Manuel Rocha, os seleccionados se compenetraram de que tinham alinhado na primeira prova ciclo-turista da novel federação...

### As únicas atenuantes

Houve, de facto, entre os concorrentes um homem — Batista Alves — que actuou tal como as circunstâncias indicavam. Sendo o mais rápido do lote, e estando como estava um título em jogo, para adjudicar a quem primeiro chegasse à meta, que tivesse comportamento meritório ou actuou discreta, esse atleta, que de antemão sabia que triunfava na embalagem final, limitou-se a acompanhar os adversários e a utilizar no momento oportuno, a sua velocidade e o seu carreto de 15 dentes...

Também partira um concorrente, Manuel Rocha, que por ter de lutar quasi sózinho contra a coligação Porto — Lisgás — Sporting — numeroso e homogêneo lote de corredores de valor aproximado — pouco poderia tentar na primeira metade da prova, quando o vento era forte e de frente. Portanto, logo no regresso a Lisboa experimentou várias vezes, embora sem aquela persistência que lhe é peculiar, fugir aos adversários. Estes não cederam, admite-se que viesse a «queimar» as últimas

### DE LUTO

#### José Casimiro Teles Guedes

Faleceu em Beja o sr. José Casimiro Teles Guedes, pai do sr. engenheiro Francisco Nobre Guedes, antigo Ministro de Portugal em Berlim e commissário nacional da «Moidade Portuguesa» e há anos secretário geral do Comité Olímpico Português.

A família enlutada, e em especial ao sr. engenheiro Nobre Guedes, apresentamos sentidas pêsames.

energias em Carriche, para se assegurar do segundo lugar, que, em qualquer outra circunstância, viria de certo a pertencer-lhe.

### Falta de brio

Admitindo que aqueles dois estradistas se portaram da maneira que consideraram mais proveitoso, como poderá conceber-se que todos os outros, antecipadamente batidos logo que traziam na sua roda o veloz Batista, se deixariam conduzir sem a mais leve «reação»?

Se não fora, como dissemos, alguns estícos de Rocha e dos representantes do Porto, a episódica reacção de Amândio Monteiro no princípio de Carriche, e a interessante perseguição de Joaquim Mendes, após a sua queda antes do Bombarral, e a de Ernani, depois de «furar», teriamos de considerar a prova de domingo como a mais fraca de todas as competições de seniores das últimas épocas.

O próprio tempo dos primeiros chegados é concludente, mais 43 m. que a do vencedor da corrida disputada 15 dias antes, no mesmo percurso.

### Os menos maus

Não atingiu, também, elevado valor a corrida de juniores, conquanto fosse um pouco mais interessante que a de seniores, isto, pelo menos, na primeira metade.

É que, partindo de Lisboa 15 minutos depois dos seniores, os juniores, antes de Torres, tinham-nos alcançado!

Distinguiram-se nesta fase da prova, Campos Avelar, Cunha e Silva, um homem com certa habilidade, e Alfredo Gonçalves. Mas, à excepção do segundo corredor, os outros que conseguiram até Torres Vedras um avanço de 30 segundos, foram alcançados e largamente batidos.

Joel, no regresso, com Walgood, M. Catarino e Cunha e Silva foram os animadores da competição, que veio a ser ganha pelo portuense numa bonita embalagem.

### Resultados

SENIORES: 1.º Batista Alves; 2.º M. Rocha; 3.º Aristides Paulo, todos com 5h.47m.70s.; 4.º E. Ribeiro; 5.º António Carlos (Porto); 6.º Pinto Ribeiro; 7.º Amândio; 8.º D. Santos. Desistiu Joaquim Mendes.

JUNIORES: 1.º Serafim Walgood; 2.º Joel, ambos com 3 h. 39 m. 50 s.; Chegaram depois: Cunha e Silva, M. Catarino, Mota Domingues, M. Silva, Serafim Teixeira, Sousa e Silva e Alfredo Gonçalves. Desistiram Campos: Avelar e António Lopes.

GIL MOREIRA

### CICLO-TURISMO

#### Passeio à Quinta da Aldeia em Sacavém

O Grupo Ciclo-Turista «Os 15», de colaboração com o S. G. Sacavenense e com o intuito de estreitar mais a amizade existente entre os dois clubes e estimular o gosto pela prática saudável do ciclismo, promove no domingo um passeio a Sacavém, para as famílias dos sócios das duas colectividades e extensivo aos ciclo-turistas, filiados ou não em qualquer outro clube desportivo. A partida para os indivíduos de ambos os sexos que desejem desloca-se de bicicleta, está marcada para as 9 h., da Retunda do Arieiro, e para os que queiram utilizar o caminho de ferro, o comboio aproveitável é o que sai do Rossio às 10 e 40, com paragem em Entre-Campos e Arieiro às 10 e 58 e 11 horas. A concentração, no destino, faz-se na estação de Sacavém, donde se seguirá para a Quinta da Aldeia, local do piquenique, para o qual se prepararam várias surpresas e divertimentos, funcionando durante ele um «buffet» dirigido pelo S. G. Sacavenense.

O regresso far-se-á à vontade, sendo o comboio mais conveniente, para as pessoas que desejem utilizar esse meio de transporte, o que sai de Sacavém às 18 e 20, com paragem no Arieiro e Entre-Campos às 18 e 35 e 18 e 37.

Taça de PORTUGAL  
Imagens do **BENFICA-BELENEISES**

no Campo Grande



3  
1 - Julinho escapa-se a Felciano e tenta dificultar a entrada de Salvador. 2 - Ainda Julinho - mas que desta vez não pôde levar a melhor com o mesmo Felciano. Salvador despachou a bola sem perigo. 3 - Mais um «goal»... Observar a atitude de Felciano, que esboça como que um protesto... 4 - Telxeira marca o 6.º ponto do seu clube. 5 - A sequência da fase que figura na nossa capa. A bola vai já a caminho das rédes. 6 - Espírito Santo é... obrigado a perder a bola...



**A «IMPERIO»**

é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da

**«IMPERIO»**

— a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

COMPANHIA DE SEGUROS  
I M P É R I O  
Rua Garrett, 56 - LISBOA



# A preparação dos pugilistas (1)

Crónica de Rafael Barradas

**A** bola de suspensão, conhecida igualmente sob o nome de *punching-ball*, é dos mais importantes objectos de que o pugilista se serve para treino.

Consta de um invólucro de cabedal macio, com a forma aproximada de uma péra, contendo no interior a «câmara de ar», ou cauchú, de feição conveniente. Por meio da bomba de pressão, enche-se de ar o referido cauchú, até se obter a expansão e dureza necessárias. Depois, aproveitando o atilho apenso ao tubo de enchimento, estrangula-se a saída do ar e acorda-se o referido tubo dentro do cabedal, terminando por atacar o cordão, que passa pelos olhos adjacentes à fmda de passagem da «câmara».

Tanto a *bola de suspensão* como o *saco de areia* penduram-se numa plataforma, levemente mais elevada que a cabeça do jogador, ficando assim em posição capaz de girar em qualquer sentido sob o impulso dos sócos.

A pontaria dos punhos e a visão aguda e certa desenvolvem-se muito com a prática da *bola*. No entanto, manda a verdade que se diga, cria hábitos defeituosos no modo como se executam os golpes, pelo que tem diminuído o seu emprêgo. Até cerca de 1920, nenhum pugilista que se prezasse deixaria de incluir na lista dos mais imprescindíveis auxiliares; hoje está muito mais esquecida e quasi desacreditada.

As *massas indianas* são outros artigos acessórios do treino. Objectos de madeira com o péso aproximado de um quilo e com o feição curioso de um par de garrafas esguias.

Manobram-se segurando-as pelos extremos e executando com elas molinetes alternados sobre a cabeça, ou acompanhando os braços nos movimentos de rotação, flexão e extensão que haja em vista fazer.

Podem dizer-se que são excelentes meios para «desenferrujar» as articulações, tornando fáceis e ágeis os gestos dos membros superiores.

Os *elásticos de parede* são outro aparelho de treino de optimos efeitos. De fraca resistência, compõe-se de um cabo elástico, do tipo *Sandow*, que passa por seis roldanas fixadas a um muro. Em cada uma das extremidades desse cabo acham-se pegas ou argolas, nas quais o indivíduo segura. Mercê da liberdade de movimentos que as roldanas admitem ao cabo, o jogador pode executar os golpes que entender, contra um adversário imaginário ou contra a

imagem reflectida pelo espelho. Para isso tem de vencer a resistência elástica do cabo, de fraco valor, mas o bastante para produzir o desenvolvimento muscular que se pretende.

Outro artigo muito comum na preparação física dos pugilistas é a *corda de saltos*, corda vulgar terminando por dois manípulos de madeira, que as crianças tanto apreciam.

Saltar à corda é um exercício que equivale a todos os modos de marcha, segundo o ritmo que tiver o movimento. Praticado de maneira acelerada, corresponde a uma corrida de velocidade; de modo bastante lento, à marcha ordinária. O sentido em que gira a corda determina o trabalho dos músculos dos braços — ou extensores ou flexores.

O modo económico de saltar a pés juntos é menos aconselhável do que o de tocar alternadamente com cada pé no terreno, deslocando o corpo para a frente, rectaguarda ou para os lados.

Só a repetição quotidiana do salto à corda pode criar a mestria necessária e imprescindível. Como exercício, é do mais económico, portátil e profundo que se conhece. Desenvolve tanto os músculos das pernas, como a parede abdominal e fortifica as funções respiratória e cardíaca.

Os pugilistas que nunca praticaram a fundo este salutar meio de preparação, dificilmente possuem o que se costuma chamar «jogo de pernas».

Em próximo artigo faremos referência aos restantes objectos destinados ao treino dos jogadores de sóco.

# HOCKEY EM CAMPO

Primeira derrota do H. C. P. e nova vitória do Futebol Benfica, por cinco «goals» sem resposta

**V**al a caminho do termo da sua primeira fase o vigésimo campeonato de Lisboa de «Hockey» em campo, que teve, como últimas partidas, as lutas F. Benfica Atlético, em Benfica, e Hockey-Benfica, em Palma de Baixo, ambas de características e desfechos diferentes: em Palma a equipa do Atlético venceu, nas duas categorias, a primeira do «team» principal; e nas de Benfica triunfaram os campeões, com folga em 1.<sup>o</sup> e certa dificuldade em reservas.

Podia dizer-se que a derrota do Hockey surpreende, por inesperada, pois era de admitir melhor resultado, mesmo atendendo à categoria do adversário; mas acerta-se em face da pouca certeza do seu «keeper», nas duas únicas jogadas que deram «goals». É que Alberto Faria foi realmente culpado das bolas sofridas, qualquer delas de boa execução, é certo, mas somente possíveis devido a deslizes de colocação e de antecipação — com cárdica evidência de reflexos — da parte do guarda-rédes do Hockey. O mesmo não sucedeu com José André (Benf.) bastando sem apêlo a boa execução da avançada «hoquista» — da única vez em que se verificou tal probabilidade...

Em boa verdade, porém, o resultado mais certo seria o empate — já porque o vencido trabalhou para isso, e o merecia, já porque os dois «goals» dos benfiquistas foram produto de jogadas de fortuna; mas o vencedor soube autiliar-se à defesa, os adversários que devem confirmar em resultados favoráveis; de espantar seria que perdessem, comprometendo — sem proveito directo de qualquer dâles e benefício de terceiro — a sua posição com vista à entrada no torneio da «Taça de Portugal». E, vencedores, recordem essa luta na segunda volta — de que o Futebol Benfica val ser simples espectador...

MÁRIO DE CASTRO

Quanto ao encontro de Benfica: que dizer de um 5.<sup>o</sup> «expressivo»? O próprio resultado constitui indicação de facilidade, muito embora, contra o Atlético batalhasse com entusiasmo; mas os campeões eram realmente superiores, demonstrando-o pela realização. Em reservas, sim, os «atleticos» deram réplica.

A última «onda» da primeira volta correspondem os jogos Atlético Hockey e Benfica-Belenenses, que não interessam grandemente, porque tanto o Hockey como o Benfica têm vantagem sobre os adversários que devem confirmar em resultados favoráveis; de espantar seria que perdessem, comprometendo — sem proveito directo de qualquer dâles e benefício de terceiro — a sua posição com vista à entrada no torneio da «Taça de Portugal». E, vencedores, recordem essa luta na segunda volta — de que o Futebol Benfica val ser simples espectador...

## A final da II Divisão

(Continuação da pág. 1)

Trás-os-Montes, que teve a honra de chegar à final — em que foi vencido, honrosamente, pela margem mínima, e por uma equipa cuja superioridade, sob vários aspectos há de reconhecer.

A carreira vitoriosa do Sport Clube de Vila Real nesta prova, até à altura de se exibir na capital, foi acompanhada com simpatia — que nem lhe faltou no jogo derradeiro...

A equipa, quasi isolada no seu torneio regional, sofre da falta de contacto, mais frequente, com adversários de categoria. Mas os seus jogadores, desconhecidos e anônimos, souberam vencer o «handicap» à força de perseverança, de entusiasmo e de confiança nas suas facultades. Foram dignos finalistas, souberam honrar a representação provinciana que o destino lhe reservou e bateram-se como transmontanos, gente rude mas leal, que não tira a cara ao perigo nem sente o animo emquanto ao perigo do perigo do perigo...

Com esta foi a terceira vez que os jogadores do Vila Real se exibiram em Lisboa. Nas duas primeiras, em eliminatórias do torneio que presentemente se denomina «Taça de Portugal» e que servia então para apuramento do campeão nacional, os vilarealenses tiveram de enfrentar o Belenenses. Saíram vencedores, naturalmente, mas sem que primeiro tivessem vencido os seus adversários, deixando de impôr aos cauzis um empate a 3 «goals», no seu terreno do Calvário. Cinco dos jogadores que disputaram agora a final já tinham, pois, actuado em Lisboa: o guarda-rédes, o defesa, o médio direito e os avançados da ala esquerda. Oscar, o actual capitão da equipa, também fez parte do «team» que derrotou o Belenenses nas Saleiras, mas não pôde alinhar na actual final.

O onze demonstrou possuir conhecimentos de futebol (o jogo rasteiro que empregou, por vezes, assim o confirma), facilidade de execução em alguns pormenores e rapidez. De maneira geral, pouco, porém, por falta de decisão e de colocação adequada, defeitos que são a experiência e maior a vontade poderão corrigir. Em indivíduos nomeadamente, alguns jogadores, fizeram-se notar: o defesa direito, o extremo esquerdo (um dos veteranos do «team», que nos faz recordar o sportinguista Albano), o guarda-rédes (ainda que com excessivo de especulatividade), o interior esquerdo, este pelo jogo que preparou ao seu extremo, e o avançado-centro sobrinho do conhecido jogador Manuel da Costa, que revelou habilidade e entusiasmo pouco vulgares.

CARLOS CORREIA

## NATAÇÃO

## CAMPEONATOS UNIVERSITÁRIOS

### Notas finais

**A** crítica tem de ser benevolente para com os simpáticos universitários, em especial para aqueles que não estamos habituados a ver nas fileiras clubistas, conhecidas como são as dificuldades que têm para se entregarem com regularidade às práticas desportivas, mormente à natação, dada a escassez de piscinas. Tudo quanto fizeram é, pela, para elogiar sem reservas. Como para elogiar é, também, o espírito desportivo de que deram provas em ambos os festivais.

As provas da primeira jornada já aqui foram focadas em breves apontamentos. Aqui temos agora a lista dos campeões universitários:

100 metros-brucos — George Black, I. S. T., em 1 m. e 33 s.; 100 metros-costas — Bastori Ferro, I. N. E. F., em 1 m. 33 s. e 2/10; 100 metros-livres — Francisco Alves, F. Direito, 1 m. 20 s. e 2/10; 400 metros-livres — António Jardine Neto, F. Ciências, 6 m. 43 s. e 4/10; 800 metros-estilos — Equipa de I. N. E. F., 4 m. 31 s. e 2/10; 1000 metros-estilos — Equipa do I. S. T., 5 m. 51 s. e 2/10; 1500 metros-livres — Equipa do I. N. E. F., 5 m. 33 s. e 2/10; 2000 metros-livres — Equipa do I. S. T., 5 m. 33 s. e 2/10; Saltos — Rui Bettencourt, I. S. T.

O programa de quarta-feira englobava apenas três estafetas e o concurso de saltos. Das estafetas pouco há a dizer. Em qualquer delas as equipas vencedoras ganharam folgadoamente.

O concurso de saltos, com quatro concorrentes, ofereceu a nota curiosa de ser ganho por um «estranho» à modalidade em competição com dois especialistas — se é que em Portugal há especialistas de saltar para a água, na verdadeira acepção do termo...

Rui Bettencourt, ainda que pouco flexível, qualidade indispensável, ganhou com regularidade. Diga-se, no entanto, que Manuel Martins fez meios do que pode e realmente sabe. — A. T.

(2) Ver n.º 71 da STADIUM.

## Acontecimentos da Semana

**BASKET-BALL** — A equipa do Liceu de D. João de Castro (Ala 2, de Lisboa) venceu o campeonato da «Cidade Portuguesa» — provincia da Estremadura — batendo a Escola Secundária Municipal de Tôres Vedras (Ala 3) por 22-21.

**FUTEBOL** — Começa a disputar-se o campeonato nacional de juniores, com desafios em Vila Franca de Xira, Entroncamento, Porto (Gaia) e Aveiro. Resultados: Benfica-Unidos do Barreiro, 4-4; Atlético Marvilense — Sporting da Covilhã, 4-1; Sporting de Espinho — Académica de Coimbra, 2-0; F. C. do Porto — Académico de Viseu, 3-1.

— Na penúltima jornada do torneio da taça «Artur José Pereira», registaram-se os resultados seguintes: Chelas-Belenenses, 2-0; Sporting-Unidos, 8-1; Estoril Praia — Atlético, 2-1; Benfica-Operário, 6-1.

**NATAÇÃO** — O Sport Algas e Dafundo e o Clube Sportivo de Pedrouços organizaram, nas suas piscinas, torneios de propaganda entre sócios, nos quais se verificaram o vencedor seguintes:

Em Algas — Maria de Lourdes Mendes, 66 m. brucos, 1. e 10 s.; Armando Matos Silva, 66 m. «crawl» de costas, 59 s. 4/10; Daniel Beilgão (1.<sup>o</sup> série) e Manuel Baptista (2.<sup>o</sup>), respectivamente, 47 s. 4/10 e 50 s. 2/10 em 66 m. «crawl» de frente; Armando Rodrigues (1.<sup>o</sup> série) e Luis Dumont (2.<sup>o</sup>), respectivamente, 59 s. e 1 m. 9 s. 2/10 em 66 m. brucos; Maria Odette Caiola, 66 m. costas, 1 m. e 9 s.; Afonso Gonçalves (1.<sup>o</sup> série) e Ramiro Carmo (2.<sup>o</sup>), respectivamente, 1 m. 30 s. 2/10 e 1 m. e 21 s. em 100 m. brucos; Jaime Moita, 66 m. «crawl» de frente (inf.), 49 s. 2/10; Bessone Basto Junior, 100 m. livres 1 m. 9 s. 2/10.

Em Pedrouços — Joaquim Baptista, 33 m. brucos, 27 s.; J. J. Costa, 33 m. costas em 26 s. 33 m. livres em 25; Manuel Miralides, 66 m. brucos, 1 m. 3 s.; A. Silva Ramirez, 66 m. livres, 1 m. e 3 s.; José Pacheco, 100 m. brucos, 1 m. e 17 s.; Emanuel Moreira e Cândida Jesus Rodrigues, 66 m. brucos e 66 m. livres; Pacheco, Miralides e Alvaro Estrela, 933 m. livres, 1 m. e 16 s. 2/10.

**PEDESTRIANISMO** — A Associação deu começo no domingo as seu programa de provas de fundo em estrada, fazendo correr 15 quilómetros, do Campo Grande a Sacavém e volta.

A prova foi bastante animada e nela tomaram parte 14 concorrentes, com representações de cinco clubes. Na ausência de João Silva, em seu companheiro de clube Manuel Gonçalves, alcançou a vitória no bom tempo de 52 m. e 12 s., primeiro triunfo oficial na sua meritória carreira desportiva. Atingiu a meta nitidamente destacado, com 1 m. e 20 s. de avanço sobre o imediato, concorrente no percurso de retorno. Os homens classificados nos postos de honra são todos veteranos experimentados, com reserva na categoria para o «atletico» Filipe Luis, segundo a chegar; vieram depois o sportinguista Nogueira, o «atletico» Salvador Antunes e o benfiquista João Miguel. Manuel Dias, o campeão cuja retirada se anuncia para breve, aproveitou a oportunidade para um treino e chegou ao fim em 12.<sup>o</sup> lugar.

**REMO** — Em continuação das comemorações do 88.<sup>o</sup> aniversário da Associação Naval, disputaram-se, ao longo da muralha da Junqueira, duas regatas de «yoles de mer», a primeira ganha pela A. N. L. e a última pela «Moçidade Portuguesa».

**TIRO AO ALVO** — A prova «Gimnasia Clube Português», disputada em várias sessões na carreira «Verdeira» — Ducla Soares, foi ganha individualmente por

## A propósito da II Divisão

**A** propósito do campeonato nacional da II Divisão e dentro do possível, para, contribuir com o meu frágil voto na emenda de erros passados — e presentes... —, quero emitir a minha opinião sobre a maneira como é disputada a fase mais importante do torneio. O reparo não é inédito. Outros o têm feito, com mais autoridade e influência. Contudo, porque está no meu espírito e porque, em tempos passados, e mais de uma vez, o pus em letra de fôrma, não quero deixar escapar o ensejo de, novamente, bater a tecla...

Refiro-me à maneira como são designados os campos para a fase eliminatória dos vencedores das diferentes séries.

Não é normal — nem é desportiva.

Com o sorteio a indicar o campo — e a terra — de um dos adversários para um jogo único, que dita a eliminação imediata do vencido, concedem-se incontestavelmente ao favorecido pelos caprichos da sorte bastas probabilidades de triunfo.

Não condeno o sistema apenas pelos resultados verificados no corrente ano. Condeno-o, de maneira geral, pelas conclusões erradas a que pode levar.

Estou absolutamente convencido que o Sport de Vila Real e o Estoril podiam ter alcançado a mesma situação de finalistas se o apuramento tem sido feito em dois jogos, ou num apenas, mas em campo e localidade neutra.

Os vilarrealenses, por exemplo, foram, neste capítulo, particularmente baseados pela sorte, pois coube-lhes desfrutar e vencer três adversários sem terem de sair de casa... Contudo, pela clareza dos seus triunfos, nada custa a admitir que, se tivessem de deslocar-se, também, aos terrenos dos antagonistas, não deixariam de levar a melhor.

A verdade, porém, é que, pelo sistema actual, não se concede aos contendores o princípio desportivo de lutarem em igualdade de circunstâncias. O sorteio do campo dá, imediatamente, a um deles, uma vantagem enormíssima e incontestável.

Melhor ainda que dois jogos nos campos dos interessados, parece-me mais interessante um encontro só, em terreno neutro, numa localidade estranha, acessível para ambos.

É certo que as dificuldades e o custo dos transportes, num momento anormal como o presente, são de ponderar. No entanto, entre fazer deslocar um clube de Beja a Lisboa, para disputar, aqui, um encontro a eliminar, ou promover a deslocação dos dois contendores a Setúbal, por exemplo, e levar o União de Coimbra até Vila Real ou estabelecer que os representantes da Lusa Atenas e da capital de Trás-os-Montes se batam no Porto, e tantos casos semelhantes, não me parece menos de aconselhar a segunda hipótese, por ser altamente a mais desportiva.

Como se faz presentemente, sabe-se que o grupo que se desloca estará absolutamente isolado de público afecto, enquanto que o visitado terá um ambiente, quasi sempre apaixonado, a influir no seu moral e no seu rendimento.

Numa terra estranha a ambos haverá a contar com a neutralidade e a divisão de simpatias dos aficionados locais e, ainda, com a possibilidade da deslocação, por igual, dos simpáticos mais entusiastas dos dois contendores.

O futebol está hoje suficientemente enraizado e desenvolvido para que, mesmo disputando-se os jogos em localidades neutras, as receitas da bilheteira não sejam muito inferiores às que se verificam pelo actual sistema do jogo único no terreno que o sorteio indica. É que, também não pode deixar de ponderar-se, os sócios do clube visitado têm entrada gratuita e são esses, afinal, que constituem o grosso da assistência.

E podia perfeitamente estabelecer-se que os sócios do clube cujo campo fosse designado para luta de estrangeiros não teriam entrada gratuita, ainda que beneficiassem de determinadas concessões, princípio este mais difícil de estabelecer para o caso presente.

Enfim, o meu voto e a minha opinião aqui ficam. Oxalá o critério actual seja revogado e forma a que, no próximo campeonato da II

## ALGUNS COMENTÁRIOS AO

## CAMPEONATO NACIONAL DE SABRE

**C**OMO prometemos no nosso último número, publicamos hoje as apreciações ao campeonato nacional de Sabre, disputado de 18 a 22 de Abril no ginásio da «Casa da Moçidade», gentilmente cedido para esse fim à Federação de Esgrima.

Mau grado nosso, não podemos deixar de dizer que não ficámos «entusiasmados» — nem com a organização, nem com a técnica apresentada pelos concorrentes.

No primeiro caso, a sala escolhida não satisfiz: a iluminação era deficiente e havia muito ruído. A sobrepôr-se a isto o problema dos juris — que continua sem solução, dificultando toda a obra das direcções da F. P. E. — e o enorme desinteresse e indisciplina das salas de armas. Com efeito, as inscrições chegam tão tarde que não permitem preparar com tempo e calma a constituição das diferentes «poules». A consequência foi fixarem-se duas eliminatórias de nove atiradores (o que é exagerado), para tirar cinco de cada uma (o que é exageradíssimo...) e fazer uma final de dez (que nunca mais tem fim!). E se a prova, apenas com 18 atiradores, não se eternizou, foi porque no dia da 2.ª eliminatória apenas apareceram cinco concorrentes, que não tiveram, portanto, necessidade de jogar.

Para que se possa organizar bem uma prova é absolutamente necessário que as salas de armas se compenem dos seus deveres e cumpram com o que a F. P. E. determina!

Quanto à técnica exibida pelos concorrentes, talvez devido à interrupção das provas de sabre em 1943, foi inferior à que se verificou em 1941 e 1942.

\*

A inscrição foi também sensivelmente menor que nos anos anteriores. Notou-se a falta da Escola Naval, que apresentava geralmente um lote de bons esgrimistas. Ainda, pelo que respeita a inscrições, não compreendemos o motivo porque os antigos alunos das escolas do Exército e Naval não aparecem nestas provas; se há alguns mobilizados e outros cujas ocupações não lhes permitem trabalhar, muitos há porém, que o podiam fazer, praticando o desporto da esgrima, que é precisamente daquêles considerados «militares», principalmente na modalidade do sabre.

\*

Entre os concorrentes a este campeonato nacional, Jorge Oom não podia deixar de ser o vencedor. Foi naturalmente que conquistou, pela terceira vez, o título de campeão de sabre, do qual é detentor desde 1941, embora o jogo exibido fosse inferior ao que já lhe temos visto. É certo que a técnica da maioria dos adversários pouco de melhor consentia fazer... Assaltou bem com Barreto, Marecos e Freitas. Com Matias chegou aos 4-4, mas terminou com um toque indiscutível.

Jorge Matias, estreante nestas provas e vencedor já do torneio de terceiras categorias, mostrou-se atirador perigoso e com intuição. Apresentou-se agora melhor que no referido torneio e jogou com mais cuidado. Espera-

mos que continue trabalhando, pois pode vir a marcar nesta modalidade da esgrima.

Andrade Barreto podia ter-se classificado melhor. É rápido e faz sabre, mas «controla-se» pouco. Com a vontade que tem de se dominar mais, há-de certamente ter futuro. Costa Freitas e Pinto Ferreira totalizaram 5 vitórias e 4 derrotas. Gostámos mais do primeiro, embora o segundo mostrasse igualmente qualidades.

Jorge de Paiva e Pona apareceu menos eficiente na sua correcta esgrima — ou mais infeliz. Está menos *flecheur* mas com melhor parada.

Pinto Ferreira vai bem às paradas e responde regularmente. No entanto, aquelas paradas são feitas com exagero e, por conseguinte, facilmente enganadas. Evangelista Marecos, que podemos considerar, apesar de muito novo, um «velho» *sabreur*, teve coisas boas — a par de outras más. Pareceu-nos, sobretudo, que lhe faltou um pouco de «vontade» em alguns dos encontros que jogou e perdeu — antes de começar... Em nono lugar ficou Robin de Andrade, que, pelo jogo desenvolvido, podia ter-se classificado melhor. Atingiu 4-4 em vários assaltos — nos quais registou derrotas.

Pinhão Borges passou à final por ter pertencido à eliminatória que não se jogou. Se continuar trabalhando com método e principalmente limitar os seus movimentos, poderá progredir e aproveitar certa intuição que demonstrou ter.

Dos que não atingiram o último grau do torneio apenas nos referimos a Silvério Marques, que não terminou, por motivos de serviço oficial, a eliminatória em que concorria. Este atirador, que chegou a ser bastante forte, apresentou-se pouco trabalhado. É daqueles que é pena vermos afastados da actividade, pois dispõe de condições para vir a tornar-se muito forte.

E agora esperemos pelo próximo ano, para verificarmos se esta bela modalidade do sabre regista o incremento que merece.

F. E. S.

## Os Campeonatos Universitários de florête e sabre

**N**A sala de armas do Instituto Superior Técnico efectuaram-se, na passada semana, os Campeonatos Universitários de Esgrima, ao florête e sabre com a concorrência das equipas do I. S. Técnico, F. de Medicina e do I. S. Técnico e da F. Medicina, na segunda.

Nas duas competições os «engenheiros» ganharam facilmente, com os seguintes resultados:

*Florete* — I. S. Técnico bateu F. Medicina, por 7-2, e I. N. E. F., por 7-2 também; E. Medicina venceu I. N. E. F., por 4-5.

*Sabre* — I. S. Técnico derrotou F. Medicina, por 8-1.

Os campeões fizeram-se representar por Massano de Amorim, Humberto Rodrigues e Jorge Paiva e Pona (Florete) e por Nuno Mala, J. P. e Pona e H. Rodrigues (sabre).

As «poules» decorreram com regularidade, sendo de lamentar que não tivessem sido previamente anunciadas. A própria Federação desconhecia a sua realização.

O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, illustre Director Geral dos Desportos, assistiu à prova de sabre.

## O torneio oficial de 3.ª categorias de espada

À hora a que fechamos a nossa Revista está a disputar-se, na sala de armas do Centro Nacional de Esgrima, a final do torneio de 3.ª categorias de espada, organizado pela F. P. E. No próximo número publicaremos a costumada apreciação técnica.



**A PRONTO  
E A PRESTAÇÕES**

Candeiros de mesa e teto // Fogões e gás  
Artigos para casa de banho e para Electricidade

**ELECTRO-GLÓRIA, LTD.**

Telefone 2.4050 Rua da Glória, 20-A

Divisão, ao chegarem à fase decisiva, todos os concorrentes possam lutar com armas iguais, sem a preocupação de que, por capricho do sorteio, fiquem imediatamente condenados... a ir «morrer» longe...

RUI DE LISBOA

## OS FESTIVAIS DO ALGÈS E DAFUNDO

O S. A. D. continua no seu activo trabalho — Em baixo, os nadadores que se exhibiram no domingo «posam» para a Stadium



## CAMPEONATO DE LISBOA DE RUGBY

O Atlético pode considerar-se campeão regional. As fotografias (em baixo) mostram duas animadas fases dos jogos Sporting-Atlético e Benfica-Belenenses

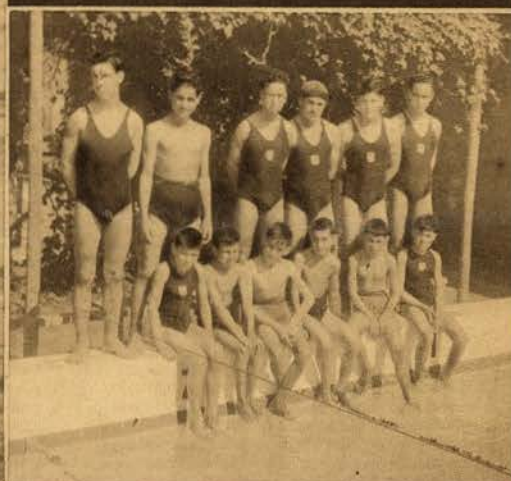


## CAMPEONATOS NACIONAIS DE CICLISMO

A Federação de Ciclismo começou a fazer disputar os campeonatos nacionais. No domingo efectuaram-se as competições de amadores, júniores e sêniores, ganhas respectivamente por S. Walgood, do Vilanovense (1), e Batista Alves, do Sporting (2).

## NO C. S. PEDROUÇOS

O Pedrouços efectuou o seu primeiro festival da época — A fotografia mostra um grupo de concorrentes



## A ACTIVIDADE DA ASSOCIAÇÃO DE NATAÇÃO

Aspecto da distribuição de prémios feita no último sábado, a que presidiu o sr. Alala Botto, inspector da Direcção Geral dos Desportos



# HIPISMO

COMEÇARAM AS CORRIDAS DA «REUNIÃO DE PRAIA»  
MAVERA — 1944»

1 — Impressionante fase da corrida «Vilão», ganha por Henrique Calado; 2 — A emoção de uma jogada; 3 — Os srs. tenentes-coronéis Sacramento Monteiro e Salvaterra Barreto, figuras de relevo na direcção máxima do desporto nacional, conversam no intervalo das provas



## PEDESTREANISMO

Curioso conjunto da largada dos concorrentes à prova de 15 quilómetros, disputada no percurso Campo Grande - Sacavém e volta



## DESPORTO NOS SAPADORES BOMBEIROS

Grupo dos nadadores que disputaram as provas efectuadas na piscina do quartel do Comando na semana passada



**CONHEÇA A SUA TERRA...**

VIAJANDO NUMA  
**FLECHA**  
a bicicleta da actualidade

**A ILUMINANTE**

Avenida Almirante Reis, 6 - Largo do Intendente, 11-17

TELEFONES: 46186/7 E 51146 LISBOA

# Stadium na Capital do Norte

## ATLETISMO

### A ASSOCIAÇÃO PORTUENSE

vai entrar em actividade

O momentoso problema do atletismo portuense está prestes a ser resolvido. Na última semana, os clubes foram convidados a reunir-se na sede da Associação — por sugestão da Direcção Geral dos Desportos — e embora só tivessem comparecido quatro dos dez clubes inscritos naquela Associação, pode dizer-se que estiveram presentes os que melhores garantias de trabalho oferecem: F. C. do Porto, Académico, Operário e Vigorosa. Lamenta-se, contudo, a falta dos restantes, que revelaram comodismo e indiferença.

A reunião, que foi presidida pelo sr. Alberto Delgado, decorreu em ambiente de franca animação e deu motivo a troca de salutares impressões sobre o estado actual do nosso atletismo. Sobre todo o F. C. do Porto e o Académico mostraram-se vivamente interessados na solução do problema e os seus delegados fizeram mesmo entusiásticas afirmações de fé nos destinos da modalidade.

Mais uma vez foi posta em relêvo a acção do STADIUM e dos seus colaboradores em favor do atletismo norteño, que, com aquela reunião, alcançaram êxito insosfismável para a feliz campanha a que se lançaram na melhor hora.

Desta reunião saiu elaborada uma lista de individualidades, que vai servir, a título provisório, para auxiliar a escolha dos novos corpos gerentes da A. P. A. E isto é já alguma coisa de importante.

Teodomiro Argente Júnior, José Pinto Leal Júnior, Deolindo Rosas de Sousa, José Fonseca Bastos e António Figueiredo, devem constituir, em nossa opinião, o melhor elenco directivo que a A. P. A. pode ambicionar. E de crer, para bem do nosso atletismo, que sejam estes os nomes escolhidos.

Verifica-se, assim, que não foi exagerado o optimismo que deixámos transparecer na nossa última crónica. A solução do problema do atletismo portuense é hoje, mais do que nunca, uma agradável realidade! E ninguém pode sentir maior satisfação que a nossa ao escrever esta notícia...

Mas nem sempre as notícias são agradáveis. Esta, por sinal, é bem triste e vem trazer ao atletismo português natural desolação.

A pista do Lima, essa excelente pista de cinza onde se bateram alguns dos nossos mais famosos «records» e onde lutaram os melhores atletas portugueses, encontra-se em estado deplorável. É mesmo impossível utilizá-la tal como se encontra, porque em certos pontos o negro da cinza deu lugar ao verde da relva...

Causa do olhar aquela pista, que tanto contribuiu para que fossem melhorados muitos resultados técnicos do atletismo nacional.

Estamos certos do interesse que o Académico põe na reconstrução da sua pista e por isso esperamos que em breve se dê início às obras indispensáveis. Seria até justo que a Direcção Geral dos Desportos lhe proporcionasse qualquer auxílio financeiro, pois o Académico não pode, na verdade, pelos seus próprios meios, garantir a boa e continua conservação de uma pista que serve modalidade pobre e sem receitas. E mais: é que a pista do Lima não pertence ao Académico, mas sim ao Atletismo Nacional!

Já começaram os treinos do Sport Clube do Porto, que volta assim à prática do atletismo. Trindade Costa, Fidel de Sousa e Mário de Vasconcelos e Sá, discípulos de mestres de top level, estão à frente da secção e desenvolvem entusiástica actividade na preparação de algumas dezenas de jovens.

Festejemos o regresso ao atletismo do simpático clube de Santa Catarina!

E. S.

### UM TORNEIO PARA ESTREANTES POR INICIATIVA DA «STADIUM»

Dentro do nosso plano de trabalho, para impulsionar o atletismo portuense, vamos pôr em execução nova iniciativa: a organização de um torneio, que terá lugar no Campo da Constituição, com a colaboração técnica do F. C. do Porto e destinado a atletas «estrestantes».

Na próxima semana publicaremos em pormenor as bases que o regulam.

## O ciclismo e os seus dirigentes

Enquanto os corredores e clubes descansam relativamente a provas, os dirigentes vão trabalhando. Teve primeiro lugar o banquete oferecido a Capas Peneda e Leonel de Pinho, como tributo de homenagem aos serviços que têm prestado ao ciclismo no Porto. O banquete decorreu com animação, sob a presidência de José de Sousa. Falaram diversos oradores para realçar com justiça a obra de cada um dos homenageados, e ambos agradeceram. No final do banquete, compareceram o sr. Vítor Alves, tesoureiro da União Leopoldica, e o nosso colega Mário de Oliveira, que foram ali saudados Capas Peneda e Leonel Pinho, sendo também saudados.

Na semana seguinte, foi oferecido um jantar a Vítor Alves e ao nosso colega Mário de Oliveira, por um grupo de dirigentes do ciclismo portuense, de que faziam parte os srs. Santos Pinto, Capas Peneda, Leonel Pinho, Salvador Henriques, Luís Loureiro e o nosso colega José Gonçalves Ribeiro.

## FUMAÇAS...

**T**ALVEZ porque, ativamente, temos culto especial pela modéstia, nunca gostámos nem aplaudimos aqueles que, por falta de visão ou conhecimento do seu valor próprio, se apalpam e vangloriam por meio de auto-elogios, a tentar chamar sobre si a atenção do espectador.

Apreciamos aqueles que vieram para a vida e para o desporto sem reclames, sem letras gordas na imprensa, apagadamente, quasi sem se dar por eles.

O desporto está cheio de exemplos desta natureza — rapazes que se fizeram à sua custa, conquistando lugares por esforço próprio, dominando pelo seu valor, pela sua técnica ou pela sua pericia.

Mas hoje está em moda outra coisa. Um jogador de futebol, de basquet, de handball, um corredor, um atleta — em qualquer modalidade, em suma — o que pretende é criar popularidade, arrastar personalidade que o imponha aos olhos do público, sem procurar saber como consegue essa posição de rétor.

E ver como eles olham sobreabundantemente os outros, sejam ou não camaradas de clube, e com que desdem relembram a vista pela camada de admiradores, muito senhores de si, muito importantes — e muito tolos...

E como a boa educação, a boa moral, a qualidade que não possui, o jogador ou o atleta, não tem direito de dirigir chalaças ou diatribes a quem discorda da sua categorização, aos que vêem o que é e o que vale esse orgulho bafoso, que os torna enfastados e ridículos.

São assim os novos — mas também os há na classe dos velhos desportistas.

Nestes verificamos circunstâncias diferentes. Os novos passam a idade não por falta. E porque não souberam retirar-se a tempo, quando a sua aurorela estava ainda em todo o esplendor, têm frases, ditos, expressões e gestos, em campo, a contrariar ou a aconselhar os outros, em tentativas inconcebíveis de arrear de si possíveis erros, na maioria das vezes provocados pelo esgotamento físico.

E, neste ponto, a culpa é lida nossa. É que nós, jornalistas, não considerámos ainda quando é necessário dosar os adjectivos. Passamos a vida a elogiar e a entrevistar quanto desconhecido aparece no desporto, quasi sempre sem esperarmos que o tempo revele, ou confirme, as condições de adaptação do indivíduo à modalidade na qual pretende brilhar.

Quantos casos por aí pululam que não teriam tido possibilidade de se evidenciarem senão após preparação metódica, racional e inteligente! Quantos temos nós feito, a quantos aproveitamos a referência amável do jornalista, para se alcançarem nos cumes da celebridade!

O jogador deve fazer-se primeiro, antes de ter categoria para andar com o nome nos jornais.

Irritam os nervos do mais calmo, fazem contrair-nos o rosto em rictus de ironia, misto de consideração por tanta vaidade.

Fumaças de grande senho, chamou propriamente a tais vanglorias um nosso colega, e com fôla e razão.

Ora porque a modéstia deve ser qualidade de todo o bom desportista, não reconhecemos nem admitimos ao praticante de desporto outra coisa que não seja a vontade definida e forte de prosseguir ser cada vez melhor, aperfeiçoando-se nos conhecimentos técnicos da modalidade preferida.

O verdadeiro homem de desporto, em vez de esperar falsos elogios, deve ter presente no seu espirito esta espécie de máxima: só com trabalho, estudo e preparação cuidada — posso ser perfeito!

MÁRIO AFONSO

## Semana a Semana

### Associação de Futebol do Porto

Teve ambiente especial o acto de posse da nova gerência da Associação de Futebol do Porto, presidida pelo delegado da Direcção Geral dos Desportos, sr. Mário Carvalho.

As palavras proferidas pelo sr. Domingos Ferreira são merecedoras de referência especial, pelo que representaram de justiça prestada a três homens que têm sido — sem desprimor para os restantes — os grandes obreiros daquela Associação: Alberto Brito, presidente; Orlando de Sousa, secretário; e eng.º Fernando Gaspar, tesoureiro.

Daqui nos associamos á homenagem que lhes foi prestada.

### Comissão Distrital de Arbitros

A sessão de posse da Comissão Distrital dos Arbitros de Futebol deve revestir-se de brilho e brilho involuntário, ao que nos informam. Parece que o acto se não limitará a uma mera formalidade burocrática, afirmando-se que será proferida, nessa ocasião, uma palestra por categorizado elemento do sul.

### Estádio do Lima

Mantém-se inalterável a situação do Académico no caso do seu campo. Embora o ambiente seja de acalmia, sem o nervosismo das primeiras horas, a verdade é que nada foi ainda resolvido para solucionar este importantíssimo assunto.

As negociações continuam sem desfalecimento, mas cremos — segundo nos consta — que não se caminha ainda para o fim desejado: manter-se o Académico na posse do campo que fez à custa de verdadeiros sacrifícios.

### Futebol Clube do Porto

Tem merecido as mais ásperas críticas de vários associados a fórmula de jogo adoptada pelo grupo campo regional. Há quem combata acerbamente o abandono de toda que tornosa o F. C. Porto tão mercedor dos mais rasgados elogios de toda a imprensa. O grupo

## JUSTO PRÉMIO

A experiência tem-nos concedido a possibilidade de apreciar e compreender diferentes situações do desporto português, tão justamente que, depois, o tempo se encarrega de nos dar razão.

Agitou-se, há meses, na Imprensa, uma questão motivada pela forma como determinado clube desta cidade havia sancionado um seu jogador, elemento de valor e categoria, acimando-o de indisciplinado, pelo menos, e atingindo-o com a penalidade máxima: a dispensa dos seus serviços.

O acontecimento foi discutido e constituiu motivo de grande celeuma nos centros de cavaco onde se reúnem os desportistas. O facto é que, dentro em pouco, todas as simpatias que rodeavam esse jogador eram banidas, eliminadas, com todo o cortejo de comentários à vida desportiva do homem.

Contra a corrente impetuosa que então se desenhava, fomos dos poucos que tentámos opôr-lhe um dique — porque conhecíamos a importância da sua dedicação pelo clube, e ainda porque o nosso raciocínio não aceitava as razões dos outros. Saímos a terreno, procurando repôr a verdade, mas confiando no tempo, o grande mestre da vida!

Mais tarde, uma direcção conscienciosa, despida de preconceitos insensatos, com larga visão das coisas e sentimento refinado dos seus deveres, a par do reconhecimento perfeito dos direitos de todos, verificou que, por circunstâncias que não vêm para o caso, não havia motivo poderoso que justificasse o afastamento desse atleta. E o nosso homem voltou a envergurar a sua querida camisola — parte intrínseca da sua personalidade de jogador de futebol.

Não foi visto com bons olhos, por parte de alguns associados do clube em causa, essa atitude directiva, desenhando-se uma tentativa de levar o caso ao mais alto poder clubista — a assembleia geral.

Os tempos voltaram a rodar na sua marcha eterna e com eles veio a justificação plena do nosso pensamento: esse jogador, após as suas exhibições em dois grandes jogos com um dos mais importantes e fortes clubes da capital, recebeu, da sua direcção, um honroso encargo, no qual é prestada rendida homenagem ao seu esforço e dedicação — e ao seu desportivismo.

Satisfaz-nos ver fazer justiça, especialmente quando, como neste caso, pode designar-se de plenária.

Assim, rejubilamos todos: os que defenderam o jogador e aqueles que, pelo seu critério errado, têm agora ocasião de fazer exame de consciência e penitenciar-se de maus pensamentos...

## Os espectáculo de circo do SPORT CLUBE DO PORTO

As duas récitas que a companhia de circo do Sport Clube do Porto deu no Coliseu do Porto foram mais duas demonstrações da vitalidade e dos extraordinários recursos de que dispõe o clube da rua de Santa Catarina.

Constituindo um espectáculo completo, ao qual não faltaram os «pali-cos» e os «augustos de soiree», a companhia de circo do Sport Club deu-nos a demonstração precisa da forma como ali se compreende a educação física e do valor que a mesma encerra, como elemento de espectáculo de força, destreza, agilidade e dinamismo.

Não cabe nos simples comentários de um semanário a reportagem do que foram esses dois deslumbrantes programas, que deixaram impercíveis recordações em em todos que tiveram o prazer de os presenciar.

Pedro Prieto apresentou as suas classes de ginástica elementar e aplicada com uma perfeição que dá ideia segura do que se pode fazer quando da parte de alunos e professor há boa vontade e energia inextinguíveis. Prieto, ginasta exímio, como provou nos seus trabalhos em paralelas e barra fixa, conseguiu constituir um grupo de rapazes, trabalhados por si, que são a mais clara representação do que vale como competente instrutor de educação física.

A classe infantil feminina a cargo da professora D. Dora Lustig, teve também as calorosas palmas que envolveram os seus trabalhos, chistosos de graça e leveza, quer na parte de ginástica propriamente dita, quer na parte coreográfica.

Impressionou, igualmente, pela segurança e beleza de atitudes, o número de equilibristas em velocipede, despenhados por um simpático casal de jovens ciclistas amadores, que demonstraram relativa técnica neste perigoso desporto.

Números de trapezio, illusionismo, musicais e duas «parelhas» de palhaços, completaram o programa idealmente organizado e dirigido inteligentemente pelo presidente da direcção do Sport Clube do Porto, sr. António do Nascimento Neto — D. Faço. Fernando Barbedo foi o assistente geral, tendo concorrido com a sua acção coordenadora para que os espectáculos decorressem em a maior normalidade.

Assistências de escola, que encheram quasi completamente o amplo Coliseu.

## AOS DESPORTISTAS!!! AO PÚBLICO EM GERAL!!!

O vosso fato já está muito usado?!

Não hesite. Vá apresentá-lo à

AGÊNCIA COMMERCIAL DE LISBOA

Rua do Alacrim, 43-1.<sup>o</sup> LISBOA

que, em melhores condições, lho comprete dando-lhe o seu justo valor.

A casa que melhor compra todos os fatos usados

T E L E F O N E 2 7 2 6 9

usa agora certa maneira que não está dentro da sua norma anterior. Não queremos defender ou atacar essa técnica; limitamo-nos somente a referir o que se diz, com razão ou sem ela.

A seu tempo, quando tivermos de fazer a apreciação global ao labor do nosso campeão, então diremos de nossa justiça. Fã-lo-emos nos dados e obedecendo a outra forma de análise e comentário.

## A VITÓRIA DA EQUIPA DA COSTA DO SOL

### NO IV CAMPEONATO DE LISBOA INTER-CLUBES

**A** PÓS luta árdua e entusiástica, que se prolongou por mais de um mês, jogou-se finalmente a derradeira «sessão», que teve por ambiente o «hall» do Casino do Estoril, e em que, por capricho do sorteio, devia participar também, entre outras, as equipas favoritas: Belenenses e Costa do Sol.

Venceu esta última — nítida e merecidamente. A classificação final foi a seguinte: 1.º — Costa do Sol, 27,5 pontos; 2.º — Belenenses, 24,5; 3.º — Benfica, 20,5; 4.º — Clube dos Capadocres Portugueses, 18,5; 5.º — L. S. Técnico, 18; 6.º — Hockey Clube, 17,5; 7.º — Paladium, 15,5; 8.º — Imprensa Nacional, 15,5; 9.º — Instituto Britânico, 11; 10.º — Lisboaetas do Barreiro, 10,5.

Apesar de há muito não participarem em competições desta natureza, os jogadores da Costa do Sol souberam, à custa de esforço e singular entusiasmo, e, sobretudo, graças à experiência e segurança do seu jogo, chamar a si a primeira classificação da prova, conseguindo assim um excelente resultado sobre a nova geração de xadrezistas, que constituíam a maioria das outras equipas. O rendimento global dos campos foi regular em quase todo o torneio; oscillou somente nos primeiros jogos, o que é natural, dado o seu absoluto destrezo e a pouca confiança que esse factor talvez traduzia. De facto, a partir de certa altura as acinações de João de Moura e Ronaldo Silva foram tão boas, que o dr. Mário Machado, tomaram ritmo irresistível, como que acompanhando, figurada e proporcionalmente, a evolução do torneio. O dr. Mário Machado, vencedor das classificações individuais, tendo recuperado grande parte da sua antiga forma, revelou a sua extraordinária classe, firmando-se como o mais forte jogador «posicional» português.

O Belenenses, 2.º classificado, não teve a sorte pelo seu lado. Privado do concurso do seu primeiro tabuleiro, Mestre Gabriel Ribeiro, em grande parte da prova, e com alguns elementos a jogarem muito abaixo das suas possibilidades reais, não conseguiu transpor os obstáculos que se lhe depararam no «spring» para a conquista do título. O «manager» e treinador desta equipa, Luiz de Aguiar, não só não pôde impedir que o fez perder a sua última partida, como também porque Peter Bramman teve novamente comportamento modesto, que, por tanto se repetir, vai prejudicando os créditos firmados pela sua antiga e elevada classe. Nos outros tabuleiros, Ramos e José Luis de Moura, no Belenenses, e Jorge Gonçalves e Lasrignes, na Costa do Sol, cumpriram bem, consoante as suas possibilidades.

O 3.º lugar coube desta vez à equipa do Sport Lisboa e Benfica, campeão do ano passado. Com quasi todos os seus elementos em extraordinária baixa de forma, a equipa dos «encarnados» teve uma prova infeliz, longe de corresponder ao que é justo esperar-se da sua força. Carlos Pires, principalmente, fez uma péssima exibição (1-2) de «defesa» de «esfôrço», não se dependendo em recentes provas, de interromper actividade.

Seguidamente classificaram-se, depois de movimentada luta, com meio ponto de diferença uma das outras, as equipas dos «Caçadores Portugueses», Instituto Superior Técnico e Hockey Clube. Os primeiros começaram mal, mas nas sessões finais fraquejaram um tanto, talvez por fadiga de preparação, e não se puderam jogar mais regular. Rodrigues da Silva, Castelo Branco e Manuel Esteves tiveram algumas partidas boas, a-par de outras más, sem que, todavia, os seus créditos ficassem diminuídos.

O Instituto Superior Técnico teve este ano uma representação diferente das edições anteriores. Constituída, na maioria, por jogadores de «defesa», revelou uma qualidade e um «apreço» à equipa, teve comportamento satisfatório, não isento de certa infelicidade, porque nem sempre pôde jogar na sua máxima força. O Técnico teve em Helder Sardinha — a revelação do torneio — um elemento valoroso, não obstante ter sido a primeira vez que participou em provas desta categoria.

Em 6.º lugar, comandando mais uma vez a segunda metade da tabela, classificou-se o Hockey Clube. Com alguns dos seus componentes em nítida baixa de forma, não compensada pelo bom comportamento de Alberto Mesquita, a equipa teve uma prova difícilíssima e a pouco mais pôde aspirar em todo o torneio.

Está igualmente no mesmo caso o grupo do Café Paladium, talvez mais homogéneo do que o do Hockey, mas menos experiente. Nunes dos Santos, no difícil lugar de 1.º tabuleiro, distinguiu-se, e Galhardo, mais experimentado, foi irregular, embora o seu comportamento satisfizesse.

A Imprensa Nacional não conseguiu ultrapassar o seu mais próximo rival — o Paladium. Todavia, obteve classificação de 2.º lugar, com as seguintes razões: a qualidade da equipa, Armando Dias, em evidente retorno de forma, e João A. Costa e Artur Cruz, exibiram-se regularmente. O Instituto Britânico conseguiu, na última sessão, fugir ao último lugar — e com certo merecimento, diga-se. No 1.º tabuleiro jogou o conhecido Mestre do problema inglês, Mr. Anderson, que neste torneio se estabilizou como jogador comum e não se destacou. O Britânico ganhou a taça oferecida pela Associated Press, denominada intencionalmente «Espírito de Oxford».

Por último, temos a equipa dos «Lisboetas do Barreiro». Apenas um nome a destacar: Fernando de Almeida — outra revelação do torneio, apesar de já serem conhecidas as suas boas aptidões. Os restantes componentes puderam em jogo o melhor da sua boa vontade, mas nenhum deles está ainda preparado para semelhantes provas.

Apreciando o nível técnico da prova verifica-se que foi fraco e o jogo incerto, o que, em parte, é natural, dada a grande diversidade de categorias em presença. Muitas das partidas jogadas tiveram cunho especial, característico deste género de competições. A-par de jogos em que, por conveniências das equipas, imperava a prudência e a segurança, disputaram-se outros nos quais o «empate era desprezado e toda a cautela impossível, para dar lugar a lutas decididas e arriscadas, verdadeiras lutas de «vida ou morte». Este estado de espírito foi favorável à equipa campeã, que, sem nunca se

## BARREIRA DE SOL

ALGÈS, 3 de Maio

**A** empresa da nossa alegre carabanchelera (perdoem a comparação, que além de forçada já não é inédita) dispôs-se a explorar-la, este ano, à base de cartazes sérios e caros. Lowduvel iniciativa, se não fosse a crise de «matéria prima». Os touros e garraios lidos pelo cavaleiro António Luis Lopes (que procurou agradar), pela parilha cigana, Cagancho — Gitanilho e por Gregório Garcia, não tinham estilo de investir.

Cagancho, que em plena decadência conserva o «saber» da sua raça, deu-nos um momento sublime de arte ao desenhar duas preciosas chicuelinas rematadas com meia-verónica enorme, modêlo de temple, suavidade e mando. Foi grande, ainda, no início das «faenas», com os seus característicos ajudados por alto, e toureiroíssimo numa saída em falso ao citar a cambão.

Gitanilho entusiasmou justamente com o seu toureiro à verónica. Há que reconhecer no estilo emocionante deste toureiro uma inferioridade manifesta em relação ao do seu paisano: Gitanillo cinge-se e manda como poucos, mas não possui o genial segredo do temple de Cagancho. Com a muleta procurou tourear o seu primeiro ao natural, não parando nem ligando devidamente os passes porque o garraio não investia bem.

Gregório Garcia, não pôde sair airosoamente de uma competência em que levava a ba de perder. Do seu trabalho de capore, merecem registo três excelentes gaoneros. Com as bandarilhas e a sua muleta continua a desiludir os seus devotos.

CAMPO PEQUENO, 7 de Maio

*Tarde de touros memorável, com uma primeira parte cheia e para todos os paladares: o domínio de Mestre João Nuncio, a alegria de José Casimiro e dois garraios do dr. Emílio Infante, nobres e maneáveis — o primeiro bravo — dando ensejo a que Juan Belmonte, filho, e o mexicano Fermin Rivero, novo entre nós, arrancassem justas ovações com um curso de toureiro vistoso e emocionante, fielmente ajustado às predilecções dos públicos de hoje.*

*Com o capote, os dois maestros competiram briosamente dentro das respectivas escolas, diferentes «na forma e no fundo». Com a muleta, Belmonte, mais feliz no reparto, desenvolveu em três tempos, uma faena reposada e vistosa, por passes altos e parones, empregando bem a mão esquerda no último tempo, em que apontámos alguns naturais que poderiam levar a firma paterna.*

*Rivera, bandarilheiro fácil, está inteirado com a muleta, embora o seu domínio não seja ainda perfeito e o prejuízo a preocupação de se cingir em demasia.*

*Resta citar a lide magistral do 5.º touro, por João Nuncio, que ergueu o pavilhão de Alcácer ao nível dos dias grandes.*

J. E.

exceder, exhibiu jogo superior a qualquer outra, apesar de não atingir craveira de notabilidade. No campo da teoria, a apreciação torna-se de certo modo difícil, dada a delicadeza da matéria e a impossibilidade de formular quaisquer impressões circunspetadas, sem estudo prévio de obras de 1.ºo paradas. Contudo, podemos dizer que, pouco a pouco, os xadrezistas da capital vão seguindo exemplo dos seus confrades portenses, interessando-se cada vez mais pelo estudo dos princípios fundamentais da técnica e teoria do Xadrez, sendo de esperar que alguma coisa cure, com isso, o nível técnico das provas lisboetas. Em proxima crónica publicaremos, juntamente com um quadro geral das aberturas empregadas, mais algumas apreciações sobre este importante capítulo da arte escaquística.

\*

Promovido pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, em homenagem às equipas participantes, teve lugar, no Casino do Estoril, um jantar de confraternização, a que assistiram, além dos homenageados e representantes da Imprensa, diversas individualidades, entre as quais o presidente da Sociedade de Propaganda de Portugal, D. Alberto Bramão; sr. Vergílio Soares, da S. P. C. S.; Prof. George West, director do Instituto Britânico; e drs. António Maria Pires e Miguel de Abreu, presidentes, respectivamente, da Federação Portuguesa de Xadrez e do Grupo de Xadrez da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Representado a «Stadium» o nosso colaborador José Casimiro Vinagre, que, no momento de entregar a medalha oferecida pela nossa Revista ao vencedor individual, dr. Mário Machado, pronunciou algumas palavras alusivas ao acto.

VASCO C. SANTOS

Sombrieiros  
Barracas PARA PRAIA  
Tendas E MATERIAL  
DE ACAMPAMENTO



Consulte sempre a  
SOC. INDUSTRIAL  
DE TOLDOS E  
ENCERADOS

R. Vale S.º António, 59  
TELEF. 2 5357 LISBOA



Toldos de sistemas aperfeiçoados

## UMA VIDA — E UMA HISTÓRIA

(Continuação da pág 4)

de futebol para fazer a apresentação. O público não sympathizou com a modalidade, chegando até a ridicularizá-la... Nessa partida de estreia tomaram parte o Grupo de Armas e Desportos, colectividade nascida do impulso e dinamismo de Ermelindo Santos, e uma equipa do Sporting Clube de Portugal. O devoto propagandista da educação física não desanimou com o fracasso inicial do «handball» e insistiu na sua divulgação. Do êxito dessa persistência falamos os clubes que o praticam hoje e a gratidão da Associação lisbonense, que instituiu e pôs em disputa um troféu com o nome do introdutor da modalidade no nosso país.

Ermelindo Santos fundou também a Secção de Educação Física da Sociedade de Geografia, onde mantere, durante dez anos, o citado Grupo de Armas e Desportos. No decurso desse período, quantos espectáculos de ginástica, quantas realizações da mais intensa programação! Saraus na Sala Portugal chegaram a ter assistências de 5.000 pessoas — o que, se era importantíssimo para a época, é ainda hoje muito de apreciar.

As classes que ministrava atingiram tal frequência que Ermelindo Santos viu-se obrigado a abandonar aquelas instalações. Entretanto, a sua competência era solicitada de todos os lados. Ministrou os seus ensinamentos nos Liceus Centrais de Lisboa e na Assistência Pública. O Lisboa Gimnásio Clube honra-se de o ter tido como professor durante 15 anos — em 25 de existência. Podemos anotar mais o Clube Naval de Lisboa, Cantinas Escolares, Sporting Clube de Portugal, Ateneu Comercial de Lisboa, cursos populares organizados pelo jornal «Os Sports», Grupo Desportivo dos Tabacos e Hockey Clube de Portugal. Em toda a parte Ermelindo Santos deixou profundas sympathias — e em cada aluno um amigo!

Actualmente, já transposta a casa dos cinquenta, Mestre Ermelindo mantém inalterável a sua actividade. Dirige o Centro de Educação Física — e das suas classes é testemunho significativo esta página.

Uma frase sua: «Considero-me satisfeito com a minha labuta, e a divulgação da educação física já mais deixará de me apaixonar. Podia estar rico, se fosse ganancioso... Mas alegro-me e compenso-me, o saber que tenho contribuído para o bem-estar físico de muita gente! Será até como que o contributo que eu pago por outros me terem salvo da cruel sentença pronunciada aos meus onze anos...»

Será preciso acrescentar mais alguma coisa a este pensamento para definir melhor o carácter do Homem?

ANO XII — Lisboa, 10 de Maio de 1944 — II SÉRIE-N.º 75

**STADIUM**  
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor  
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:  
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º  
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.  
Composição e impressão tipográfica na  
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



**"TAÇA DE PORTUGAL"**

**NO ESTORIL:** — 1 Guilhar em acção; 2 — Valongo sai oportunamente para segurar um remate de Araujo; 3 — A defesa do Porto emprega-se com energia

**EM SETUBAL:** 4 — Defesa de Acácio, a sóco, da qual resultou a recarga de longe que deu o 2.º ponto do Vitória; 5 — Idalécio segura bem um remate de Conceição, tirado da esquerda; 6 — Acácio lança-se, com o arrojo que lhe é peculiar, aos pés de Rendas

